

ANNE BISHOP

Sebastian

Tradução de:
Cristina Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*Para Pat York
que fez a travessia para outras paisagens.
Fico feliz por teres feito parte da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos a Blair Boone por continuar a ser a minha primeira leitora, e a Debra Dixon por ser a segunda leitora. A Kandra e a Doranna por manterem o sítio da Web e a Pat e Bill Feidner por tudo o que os torna tão especiais.

*Há muito tempo, numa época que se desvaneceu na memória, as
lágrimas de uma mãe obraram a ponte que ligou para todo o sempre o
mundo vivo e em constante mutação ao coração humano.*

— Mito



CAPÍTULO UM

Presente

Junto à bancada da cozinha, Sebastian fechou os olhos e inspirou fundo e devagar para sentir o odor dos grãos de kafea acabados de moer. Melhor do que uma mulher. Pelo menos era uma experiência mais sensual do que as duas últimas com quem estivera.

Quando um íncubo achava o sexo aborrecido estava na hora de fazer uma pausa — ou considerar outra área profissional.

Encerrando esse pensamento no baú mental, para onde enfiara tantas memórias desagradáveis, seguiu as instruções para fazer a infusão de grãos de kafea.

Como seria levantar-se quando o dia começasse a raiar, dirigir-se à cozinha e moer os grãos enquanto aquela pessoa que verdadeiramente importava permanecia aninhada na cama, à espera de ser acordada com um abraço e um beijo — e uma chávena de kafea acabado de fazer? Como seria ficar lá fora, de chávena na mão, a ver o dia despontar?

Sebastian abanou a cabeça. Porque haveria de estar a pôr sal nas feridas emocionais, a pensar naquilo que nunca poderia concretizar-se? Vivia no Antro de Devassidão, que era constituído por alguns quarteirões de edifícios apinhados e ruas calcetadas — um lugar que provavelmente teria sido uma zona duvidosa de uma grande cidade, não passando de uma mancha escurecida numa paisagem diurna. A certa altura uma paisagista alterara o mundo, transformando aquelas ruas numa paisagem separada, provocando uma mudança na sensação de habitar aquelas ruas; transformara as tabernas, as casas de jogo e os bordéis numa feira libidinosa.

Todavia, era mais do que um lugar onde os vícios humanos eram desfrutados sem pejos, mais do que um lugar onde os humanos que não se integrassem nas paisagens diurnas e os demónios, como os íncubos e as súcubas, podiam viver. O Antro encontrava-se no centro de um aglomerado de paisagens sombrias às quais algumas raças de demónios de Efémera

tinham pretensões. Era um lugar onde esses demónios podiam adquirir mantimentos ou beber um copo numa taberna, sem o ódio ou a repulsa que despertavam por não serem humanos.

Era também um lugar enraizado no lado mais obscuro do coração humano, um lugar onde o Sol jamais se erguia.

Sebastian era um amargo adolescente de quinze anos quando entrara aos tropeções no Antro. Dois anos antes escapara ao controlo do pai e perdera-se nas paisagens, debatendo-se pela sobrevivência. As paisagens humanas e obscuras eram demasiado tormentosas e assustadoras, até para um rapaz cuja natureza demoníaca eclipsava o pouco sangue humano que lhe corria nas veias, mas as pessoas que viviam nas paisagens diurnas não desejavam que algo semelhante vivesse no seu seio, pelo que fora expulso de povoação após povoação, assim que os habitantes se apercebiam de que era um incubo — e a avidez pelas emoções produzida pelo sexo não podia ser ocultada ou negada durante muito tempo.

Por isso, quando descobrira o Antro e sentira o carácter obscuro, nervoso e burlesco do lugar recebera-o de coração aberto pois encontrara, por fim, um lugar onde ser incubo não o tornava num pária, um lugar onde a noite interminável se adequava à sua natureza — um lugar onde se integrava.

E ainda não deixara de se sentir integrado. O Antro era o seu lar. Contudo, agora como homem que acabara de completar trinta anos...

Estou tão saturado da noite...

Foi invadido por um desejo súbito e *indefinido*, magoando-lhe o coração, subjugando-o a uma necessidade e a um desejo tão poderoso que ficou atordoado. Apoiou as mãos na bancada e aguardou que a sensação passasse. Acabava sempre por passar.

No entanto, o desejo ardente nunca fora tão pujante em ocasiões anteriores, nunca o assolara como dessa vez. Não tinha importância. Aquelas sensações iam e vinham e nada se alterava.

Profundamente desgostado consigo próprio, por não estar satisfeito com o que tinha, pegou precipitadamente na caneca que estava na bancada de madeira e quase a deixou cair quando alguém bateu à porta da cabana. Nunca trouxera alguém a casa, nunca convidara alguém para o visitar. As únicas duas pessoas que ignoravam essa carência de privacidade eram os seus primos humanos, Glorianna e Lee, e nenhum deles batera na madeira de forma tão hesitante.

Iria ignorar, era isso que ia fazer. Ignoraria e quem quer — ou o que quer — que estivesse do outro lado da porta acabaria por ir embora.

A porta rangeu ao abrir-se. O coração de Sebastian parecia querer saltar-lhe do peito ao pousar a caneca na bancada, tendo cuidado para não fazer barulho. Igualmente em silêncio, retirou a maior faca que estava no

suporte de madeira. Talvez não vencesse mas cairia a lutar.

— Sebastian?! — chamou uma voz. — Sebastian?! ‘Tás cá?

Reconheceu a voz, ainda que continuasse hesitante. Foi então que praguejou em voz baixa e voltou a colocar a faca na ranhura. Eram raras as mercadorias que não podiam ser compradas no Antro e a confiança era uma delas.

Deslocando-se para a soleira da porta, que separava a cozinha da área da sala de estar, espreitou para a divisão e observou a visita.

O outro íncubo estava à entrada e parecia tão enervado que mal conseguia manter-se quieto. Ainda assim, os seus olhos brilhavam de curiosidade ao observar a mobília simples e os desenhos emoldurados nas paredes.

— O que queres, Provocador? — perguntou Sebastian.

Mesmo se o Provocador tivesse reparado no tom irritado da voz de Sebastian, ignorou o facto e saltitou para a sala. De repente parou, girou sobre si próprio e fechou a porta da rua antes de se dirigir a Sebastian com um ar emproado, em discordância com a sua bela aparência pueril.

Habitualmente, as mulheres eram levadas a acreditar que agia de acordo com o seu aspecto. No que ao Provocador dizia respeito, essa convicção era um erro crasso.

Durante a adolescência tinham vagueado juntos pelas ruas do Antro — o Provocador louro e de olhos azuis a projectar a imagem de um rapaz que andava à procura de diversão e malandrice, enquanto Sebastian representava um belo pedaço de perigo, de cabelo preto e olhos verdes perscrutantes. Embarcavam em jogos de sedução, servindo sexo físico a mulheres que chegavam ao Antro vindas das paisagens diurnas ou fazendo uso do poder dos íncubos para se ligarem a outra mente através da penumbra dos sonhos quase despertos, alimentando-se das emoções que criavam por serem amantes imaginários. Esposas infelizes. Donzelas tolas que almejavam o romantismo de um admirador misterioso. Mulheres desamparadas que ansiavam pelo calor de um amante, ainda que apenas lhes chegasse por meio de sonhos. Todas elas eram presas para íncubos.

Durante cinco anos, Sebastian e o Provocador alugaram quartos adjacentes num prostíbulo dispendioso e deambularam pelo Antro. Aquando do seu vigésimo aniversário, Sebastian já não podia ignorar a carência crescente por algo para lá do Antro e dos jogos sexuais, por isso afastou-se das luzes coloridas e dos edificios sombrios. Encontrou uma estrada de terra batida, a poucos passos do término da rua principal do Antro — um caminho que, estava certo, não existira anteriormente. Seguiu essa estrada, sem saber se estaria simplesmente a dar um passeio ou a deixar o único lugar

onde se sentira em casa.

Foi assim que encontrou a cabana de dois andares. Não parecia pertencer a uma paisagem como o Antro, mas caso contrário não estaria naquele local. Assim era Efêmera.

Entrou, receoso de ser apanhado pelos proprietários daquela habitação. Todavia, a casa estava desabitada. Embora metade das divisões estivesse vazia, a mobília espalhada pelas outras divisões bastava para mobilar um quarto confortável, uma sala de estar e uma cozinha. Encontrou lençóis e toalhas, tal como tudo do que necessitava na cozinha para preparar e comer uma refeição simples. Deambulou pelos quartos ao longo de uma hora e percebeu que algo no seu interior se descontraía, como se respirasse fundo pela primeira vez em meses.

Descobrindo produtos de limpeza num dos armários da cozinha limpou o pó, poliu, varreu e esfregou até a cabana ficar limpa e a mobília disposta a seu gosto. Nessa altura regressou ao Antro, retirou grande parte dos seus pertences do quarto alugado no prostíbulo e mudou-se para a cabana. Uma semana mais tarde, ao regressar do habitual passeio pelas ruas do Antro, percebeu que alguém plantara uma bonina ao lado da porta das traseiras da cabana.

Foi nesse momento que percebeu que o lugar tinha estado à espera que Sebastian o encontrasse, o desejasse. Fora *ela* que se apercebera de que algo no interior de Sebastian se alterara a ponto de se harmonizar com a cabana e a bonina era a forma de dizer “Bem-vindo”.

Em Efêmera não eram muitos os segredos do coração. E nada podia ser encoberto de Glorianna Belladonna.

Vivera na cabana nos últimos dez anos como parte integrante do Antro e, ainda assim, afastado.

— Ontem não te vi por aí — disse o Provocador, fazendo Sebastian regressar ao presente. — Pensei em passar por cá e... ver.

Passara o dia anterior a desenhar e queimara todos os desenhos ao aperceber-se de que tinha estado a tentar capturar as memórias diurnas de Aurora, a terra natal da sua tia Nádía. O que vira em criança, durante os períodos em que vivera com ela. Mais tarde ou mais cedo, Koltak, o seu pai, surgia para o levar, largando-o na casa de uma qualquer mulher na zona mais pobre da cidade onde Koltak vivia — uma mulher a quem pagava para tolerar a presença do rapaz e que lhe providenciava comida e um lugar para dormir. Passava metade do tempo na rua, correndo desenfreadamente com outras crianças abandonadas e recordando-se novamente de como a sua vida era árida e deplorável. A certa altura, Nádía chegava e levava-o de regresso à sua casa.

A batalha de vontades entre Nádía e Koltak e o ciclo de aceitação ca-

rinhosa e de infortúnio impiedoso terminara, finalmente, ao fugir do pai na derradeira vez que Koltak chegara a casa de Nádia para o levar de regresso à odiosa cidade.

— Estive ocupado — disse Sebastian, afastando as memórias.

O Provocador sorriu de modo perverso. — Continuas a consolar velhas solteironas e tristes viúvas? Tens de encontrar algo mais animado. Alguém que dê mais pica. Não me parece que alguma delas seja muito divertida quando atravessas para experimentarem na pele, em vez de se contentarem com sonhos românticos.

Cheirou o ar. Arregalou os olhos. — É kafé?

Sebastian suspirou. Moera grãos que chegavam para duas chávenas. Parecia que ia ter de partilhar. — Vá, anda lá.

Ao regressar ao balcão, o Provocador seguiu-lhe os passos.

Ao olhar para o saco de grãos de kafé, para o moinho e para a cafeteira, o Provocador assobiou. — Tens a parafernália toda. Se calhar, isto de andar a proporcionar às solteironas e às viúvas bons sonhos e noites escaldantes é mais lucrativo do que julgava. Fez uma pausa. — Mas não costumamos comprar no mercado negro.

Sebastian retirou outra caneca da prateleira de madeira e encheu-a de kafé. — Não comprei isto no mercado negro. Foi um presente dos meus primos.

Ao virar-se para passar a caneca ao Provocador viu de relance o rasgo de receio nos olhos do outro incubo e reparou no ligeiro tremor nas mãos que aceitaram a caneca.

Os pretensiosos e afectados humanos de outras paisagens chamavam demónios cruéis aos incubos e às súcubas, embora muitos desses humanos ansiassem pelo tipo de sexo que só podia acontecer com um parceiro incubo ou com uma súcuba, de forma que providenciavam uma vida razoável aos residentes do Antro. Contudo, pelo seu mundo vagueavam outros demónios perigosos e os incubos e as súcubas podiam acabar como presas tão facilmente como qualquer humano. Levava alguns anos a perceber que a razão pela qual os outros demónios que chegavam ao Antro tinham sempre um pé atrás em relação à sua pessoa não era por *ser* um demónio tramado, devia-se à ligação humana que possuía. Não temiam Lee, que era um Construtor de Pontes com a rara capacidade de impor uma paisagem sobre outra, mas já Glorianna...

Nenhum demónio queria provocar a sua ira, pois Glorianna Belladonna era a Paisagista que criara o Antro de Devassidão.

Enchendo a própria caneca, Sebastian encostou-se ao balcão, bebericou o café e permaneceu em silêncio.

Decorridos alguns minutos, o Provocador disse: — Este lugar. É...

simpático.

Olhou para a pequena mesa encostada à parede, onde Sebastian tomava as refeições e, de seguida, para a grande mesa na sala de estar. — Parece... simpático.

Parece... humano, pensou Sebastian, sentindo-se como se tivesse sido apanhado a fazer algo lascivo em público. Numa paisagem humana, uma vez que as atitudes lascivas no Antro eram comuns. Embaraçado por alguém ter visto indícios da necessidade que sentia em manter a ligação à parcela de humanidade que pudesse possuir, sentiu a velha amargura a brotar do seu interior.

Nádia não era parente de sangue. Fora casada com o irmão do seu pai e não tinha qualquer motivo para disputar com Koltak o bem-estar de um rapaz meio-demónio. Porém, tinha-o feito e ganhara bastas vezes, de modo a existirem ilhas de tempo ao longo da sua infância em que soubera o que era ser amado e aceite. Tudo o que usufruía de positivo nas paisagens humanas tinha-lhe chegado por meio de Nádia.

Fora essa a razão pela qual a cabana o atraía. Era por isso que se assemelhava a um lar de humanos e não a um covil de um incubo. Para a sedução tinha o quarto no prostíbulo. Aquele lugar trazia-lhe à lembrança tudo o que sentira quando vivera com Nádia, Glorianna e Lee. Quando ainda tinha alguma ligação à Luz.

No entanto, se os outros incubos e súcubas descobrissem que vivia como os humanos a troça maliciosa jamais cessaria — e voltaria a tornar-se num proscrito.

Engoliu o que restava do café para reprimir a amargura. — O que te traz aqui, Provocador? — perguntou, rudemente.

O Provocador esvaziou a caneca, começou a pousá-la, hesitou, atravessou a cozinha e pousou-a cuidadosamente no lava-louça, como se manter a cabana arrumada fosse da maior importância. Quando se virou para Sebastian tinha uma expressão lúgubre. — Encontrámos outro.

Torrentes de poder rodopiam por Efémera, esse lugar vivo e em constante mutação. Algumas delas são Luz e outras são Escuridão. Duas metades de um todo. Nada há que uma delas possua sem alguma parte da outra. Assim é.

E não há receptáculo que concentre a Luz e a Escuridão comparável ao coração humano.

Como podemos dizer às pessoas, ainda abaladas pelos horrores que o Devorador do Mundo libertou em Efémera, que essa coisa que temem não poderá ser completamente destruída pois o Ente manifestou-se a partir dos desejos mais sombrios dos seus próprios corações? Como podemos dizer-lhes que foram *eles* que espalharam as sementes dessa guerra que destruiu o mundo? Como podemos dizer-lhes que foi o desespero que sentiam durante essa terrível época que transformou as férteis terras agrícolas em desertos? Como podemos dizer-lhes que, mesmo sem a nossa orientação e intervenção, a ligação entre Efémera e o coração humano é inquebrável e que o mundo à volta deles não passa de um reflexo deles próprios?

Não podemos dizer-lhes — porque, apesar dos perigos que existem no seu âmago, o coração humano representa a derradeira esperança de algum dia recuperarmos Efémera. Também não podemos deixar que as pessoas neguem peremptoriamente o papel que desempenham na constante formação e remodelação daquele mundo.

Por isso ensinar-lhes-emos esta advertência: deixem que os vossos corações viajem com leveza. Pois o que carregarem torna-se parte da paisagem.

— *Os Tombos Perdidos*



CAPÍTULO DOIS

Três semanas antes

Lukene reuniu os fios consumidos da paciência que lhe restava ao puxar uma cadeira para junto da mesa de estudo, sentando-se ao lado da rapariga amuada. Fora bondosa e compreensiva quando esta queixa fora expressada pela primeira vez. Tal como da segunda vez. E da terceira. Todavia, apesar das várias explicações, a rapariga recusava-se a aceitar.

— Não vão promover-me a Paisagista de primeiro nível, pois não? — perguntou a rapariga, num tom de voz constituído por um terço de desespero e dois de hostilidade.

Lukene suspirou. — Não, Nigelle, não vamos. Todas nós, as Instrutoras, considerámos as tuas capacidades com toda a atenção antes de tomarmos uma decisão, mas chegámos à conclusão de que, por enquanto, ainda não atingiste as aptidões necessárias para progredir. Até preencheres todos os requisitos, não te será outorgada a insígnia de Paisagista.

Nigelle apoiou os punhos com força na mesa. — Estudo há *quatro anos*. É preciso alcançar o segundo nível ou acima em cinco anos para garantir a permanência e a prossecução dos estudos, de modo a chegar aos níveis superiores. Como irei conseguir alcançar os requisitos necessários a dois níveis num ano se nem sequer me promovem ao primeiro nível?

Não podes, pensou Lukene. *O que é uma bênção para todos nós*. — Qual é a Graça do Coração?

Os olhos da rapariga toldaram-se de raiva. — É mais um teste, Instrutora Lukene? Não estou a ver para que serve fazer uma pergunta à qual todas as crianças sabem responder.

Guardiães e Guias, deixai que lhe explique isto de uma forma que ela, por fim, compreenda. — Sendo assim, deve ser uma pergunta simples de responder — contrapôs Lukene. — A Graça do Coração.

Nigelle fez um sorriso escarninho. — Viajar com leveza.

Lukene anuiu. — Viajar com leveza. Pois o que se carrega torna-se parte da paisagem. Aplica-se a todos os que vivem neste mundo. Aplica-se

especialmente às Paisagistas, uma vez que somos a peneira através da qual Efémera manifesta o que todos aqueles corações espelham. A ressonância dos nossos corações faculta o leito rochoso através do qual as correntes de Escuridão e de Luz fluem, mantendo as pessoas afastadas do turbilhão dos seus próprios sentimentos, mas permitindo que os verdadeiros desejos do coração se concretizem. Nós somos o leito rochoso, Nigelle. As outras pessoas, e a própria Efémera, dependem de nós para encontrarmos um equilíbrio entre as nossas facetas de Luz e de Escuridão, de modo a filtrar as correntes de Luz e de Escuridão que constituem o poder maravilhoso e terrível deste mundo.

— Mas eu já sei tudo isso — ripostou Nigelle.

— Aqui.

Lukene pousou um dedo na têmpora. Depois levou-o até ao peito. — Mas não aqui. Carregas um grande fardo, Nigelle. Frequentas as aulas, mas limitas-te a fazer tentativas simbólicas para praticar esses ensinamentos. Zangas-te e sentes inveja quando as outras alunas conseguem atingir os requisitos para passarem ao nível seguinte, mas não te esforças como elas para atingires esse objectivo. Ainda assim, esperas que te concedamos poder sobre o nosso mundo. Não podemos. Abre os olhos, Nigelle. *Vê* o que consegues fazer brotar no teu jardim. Até que surjam mudanças, até que *mudes*, não podemos permitir que controles lugares onde outras pessoas irão viver.

O amuo da rapariga alterou-se, tornando-se malicioso e ameaçador. — Eu sei qual é a verdadeira razão para não me passarem de nível.

Lukene suspirou. Por que motivo as “verdadeiras” razões nunca estavam relacionadas com as competências de uma aluna?

— Tendes medo de mim — disse Nigelle. — Sabeis que sou melhor. Melhor do que todos vós. Sou como Belladonna e não conseguis suportar a ideia da existência de outra Paisagista cujos feitos nem em sonhos conseguem alcançar.

Incapaz de disfarçar um arrepio de medo, Lukene nada disse. As Instrutoras nunca se envolviam numa discussão quando uma aluna mencionava *aquele* nome.

Como o silêncio se prolongava, Nigelle deu uma pequena gargalhada e levantou-se. — É melhor não vos esquecerdes disso da próxima vez que avaliardes o meu trabalho.

Lukene aguardou que Nigelle saísse do quarto para murmurar: — Não nos esqueceremos. Oh, de certeza que não nos esqueceremos.

Apoiou as mãos na mesa para ajudar as pernas trémulas a ampararem-na ao levantar-se. Ainda não tinha chegado aos quarenta anos, mas naquele momento sentia-se uma idosa.

— Bem sei que são necessárias — disse uma voz masculina vinda da porta —, mas estas três avaliações por ano são mais extenuantes para os Instrutores do que os próprios alunos.

Os olhos de Lukene encheram-se de lágrimas ao olharem para o homem encorpado que ocupava toda a entrada. — Gregor.

Atravessou a sala a passo rápido para a alcançar. Pousou a mão forte e quente no ombro de Lukene.

Ela virou-se para encarar aquela força, aquele calor, abraçando ao mesmo tempo o homem cujos braços a envolviam.

— Foi um dia difícil? — perguntou Gregor, com o rosto pousado no cabelo da mulher.

— Não foi assim tão mau... até chegar a esta aluna.

— O que fez ela?

— Referiu o nome que todas as Instrutoras no colégio temem.

Gregor ficou tenso. — Belladonna.

Lukene acenou com a cabeça, confirmando. — Cedi, Gregor. Mostrei medo.

— Tinhas razões para isso, se foi mais do que o romantismo de uma estudante por uma Paisagista proscrita.

— Foi mais outro esquema manipulativo para pressionar as Instrutoras a concederem-lhe o que não conseguiu obter.

Afastou-se ligeiramente, de modo a olhar para o homem que era o Reitor das Pontes e seu amante. — E o teu dia, como foi?

— Melhor do que o teu. Dar aulas aos jovens rapazes que têm o dom de providenciar uma ligação entre paisagens não é tão enervante como ensinar as jovens raparigas que irão controlar essas paisagens.

Observou-a, com os olhos escuros a evidenciarem preocupação. — Porque não vais ao Santuário passar um dia ou dois?

— Talvez vá. Mas acho que devo permanecer aqui nesta altura, caso as outras Instrutoras...

Não consegui terminar, não consegui dizer as palavras.

— Caso as outras Instrutoras cheguem à conclusão de que esta rapariga é demasiado perigosa e precisa de ser circunscrita — disse Gregor, com um ar sinistro. Quando Lukene acenou com a cabeça, perguntou: — *Será assim tão perigosa? Poderá tornar-se noutra Belladonna?*

Lukene pensou durante um instante, abanando a cabeça de seguida. — É muita a raiva que tem dentro de si, e também... imundície na alma... que poderão chegar para ecoar nas paisagens obscuras, mas jamais será como Belladonna. Não possui o poder... nem o coração para isso.

Nigelle fitava com ar carrancudo as alunas pelas quais passava, apressan-

do-se pelos largos caminhos de lajes que a levariam ao seu jardim murado. Devia ter percebido que as Instrutoras estavam contra ela no momento em que viu que o seu terreno de treino era bastante afastado dos edifícios principais do colégio. Outras alunas tinham terrenos de treino que não ficavam a mais do que cinco minutos a pé das salas de aula. Era verdade que eram poucas as alunas a quem eram cedidos espaços entre os jardins murados reservados às Instrutoras, mas ainda eram algumas e *ela* deveria ter sido incluída nesse grupo.

— Cabras insensíveis e corrompidas — resmoneou. Bruscamente virou para outro caminho que a levaria de regresso ao colégio. Um caminho que, embora estivesse bem tratado como os demais, tinha aspecto de ser pouco frequentado. Um caminho que as alunas estavam proibidas de seguir até ao fim, a menos que estivessem acompanhadas por uma Instrutora. Talvez fosse isso que a intrigava a ponto de correr o risco de se esgueirar pelo caminho várias vezes ao longo do ano, para examinar o mistério que acolhia.

O caminho terminava num arco que era a única irregularidade no muro alto de pedra. No centro desse jardim encontrava-se um outro cercado por muros altos com um portão trancado, de ferro forjado. As únicas plantas que cresciam na terra entre as paredes do jardim interior e o exterior eram grandes e empolados cogumelos e espinheiros, que davam um fruto da cor de uma ferida pútrida.

As alunas segredavam que os Guias das Trevas entravam no colégio à socapa a coberto da noite, apanhavam aqueles cogumelos e frutos e cozinhavam-nos, juntamente com o coração das pessoas que tinham atraído às paisagens obscuras.

Nigelle gostava daquela história. Passara muitas noites a imaginar que um Guia das Trevas vinha ao colégio e raptava todas aquelas Instrutoras arrogantes, que diziam estar a tentar ajudá-la ao ensinarem-lhe a usar o poder no seu interior, embora fizessem tudo o que podiam para garantirem o seu fracasso.

Gostaria de ver alguém como Lukene a enfrentar um Guia das Trevas. A cabra arrogante da Lukene haveria de se urinar pelas pernas abaixo se desse de caras com algo *verdadeiramente* obscuro. Mas ela, Nigelle, não recearia.

Sim, sussurrou uma voz no seu interior. *Nada tens a temer da Escuridão. Na Escuridão existe poder e esse poder aguarda que o aceites.*

Quem sabe se seria essa a outra razão que, muitas vezes, a levava a ficar parada sob o arco, a olhar para aquele lugar que fazia empalidecer as Instrutoras sempre que era mencionado.

À noite, as alunas mais velhas murmuravam histórias acerca daque-

le jardim; diziam que continha paisagens proibidas, paisagens tão terríveis que tinham sido retiradas do mundo para que as pessoas ficassem protegidas em relação ao que vivia nesses lugares.

Contudo, parada sob o arco, tudo o que conseguia ver para lá do portão de ferro forjado era um muro baixo de pedra, no centro da terra estéril e compacta. Como podia ser assustador? Oh, sentia um eco obscuro no jardim. Consequia sentir-se assim que se passava sob o arco. Porém, se existisse algo *verdadeiramente* maléfico, porque não dizer aos alunos ao invés de torná-lo num segredo?

As Instrutoras tinham sempre segredos de tudo e mais alguma coisa. Sem dúvida que o colégio tinha uma grande capacidade para encobrir as coisas das pessoas que lhe poderiam dar uso.

Sentiu a raiva agigantar-se no seu interior até nada mais restar.

Olhando para o chão em redor, Nigelle reparou numa pedra do tamanho de um punho. Pegou na pedra, ergueu o braço e lançou-a ao cadeado do portão de ferro. Não esperava que algo acontecesse, queria apenas dar livre curso à raiva por ser, *uma vez mais*, impedida de progredir.

No entanto, o ferro, frágil devido à antiguidade, desfez-se no local onde a pedra bateu. O portão e os segredos que aquele jardim interior pudesse conter abriam-se perante Nigelle.

Humedecendo os lábios secos, Nigelle passou o arco. O lugar tinha um ligeiro odor a carne putrefacta, mas podia dever-se aos cogumelos ou à fruta que cobria o chão à volta dos espinheiros.

Apressou-se a percorrer o terreno que separava o jardim interior do exterior, passou as mãos por duas barras de ferro do portão e puxou com toda a força que possuía. As dobradiças congeladas e enferrujadas rangeram em protesto, mas o portão abriu o suficiente para a rapariga passar.

Aguardou, ainda com as mãos nas barras, certa de que iria aparecer alguém esbaforido para saber o que provocara aquele barulho. Porém, o ar estava pesado e quedo, abafando os sons.

Contou até cem, preparada para correr de modo a evitar ser apanhada num lugar proibido. Vendo que ninguém surgia para averiguar descontraiu-se e começou a examinar o terreno baldio do outro lado do portão.

Dizem que até Belladonna tinha medo deste lugar, que se mantinha afastada. Mas eu não tenho medo. Vou ver o que estes muros encerram.

Tal não significava que não fosse cuidadosa. Recolheu-se junto ao espinheiro mais próximo. Muitas folhas caídas, mas nada que fosse adequado, por isso foi de espinheiro em espinheiro até encontrar um ramo que tivesse o tamanho certo para espicaçar o que quer que encontrasse de interessante sem ter de se aproximar demasiado.

Entusiasmada, correu de volta ao portão, esgueirou-se para dentro e

aproximou-se do muro baixo de pedra.

Era um muro antigo, à altura da cintura, que não chegava a ter um comprimento equivalente a dois homens. Os espaços entre as pedras irregulares estavam preenchidos com argamassa, o que significava que tinha sido cuidadosamente construído.

Olhou em volta. Nada mais havia no jardim interior. Nada. O que significava que era o próprio muro que estava a ser protegido. Porque se protegeria um muro?

Talvez o muro fosse um ponto de acesso a uma paisagem que as Instrutoras pretendiam manter escondida — uma paisagem de onde provinha a ressonância obscura que impregnava o jardim murado. Caminhou ao longo do muro, a estudá-lo. Pedras antigas. Argamassa velha e a desfazer-se. Tocava aqui e ali no muro, mas a excitação por estar no jardim proibido começou a passar e já estava quase convencida de que um velho muro não poderia ser o ponto de acesso a uma paisagem interessante. Foi nessa altura que um toque com o ramo soltou um pedaço de argamassa, deixando à vista um espaço entre as pedras do tamanho do círculo que podia fazer juntando o polegar e o indicador.

Um buraco que dava para espreitar, se conseguisse desobstruí-lo até ao lado oposto.

Forçou o ramo pelo buraco uma e outra vez, tirando a argamassa esboroadada para limpar o espaço. Por fim, já com as mãos esfoladas e os músculos doídos, conseguiu furar para o outro lado. Lançando o ramo para o chão, ajoelhou-se e espreitou pela abertura. Uma extensão estreita de areia cor de ferrugem que levava a águas escuras e tranquilas.

Decorridos muitos minutos, Nigelle recostou-se nos calcanhares. Era isso? Areia e água? Era *essa* a paisagem assustadora e proibida que provocava arrepios às Instrutoras sempre que uma aluna mencionava o assunto?

Profundamente desiludida, Nigelle levantou-se e sacudiu a terra das calças. — Devia ter percebido que não passava de uma desculpa para as Instrutoras castigarem quem não cria paisagens perfeitinhas.

Passando pelo portão, dirigiu-se rapidamente ao arco. Depois fez uma pausa para conferir a posição do Sol.

Já era muito tarde para ir ao seu jardim. Se não aparecesse a horas para o jantar seria mais um ponto negativo. Por isso esforçar-se-ia por chegar a horas, ir às aulas e ser simpática com todas as Instrutoras, mesmo que isso a destruísse.

Embora preferisse que o esforço as matasse *a elas*.



Seduzido pelo eco de um coração sombrio, o Ente subiu até à superfície, quase sem provocar agitação nas águas profundas e escuras. Nada havia na água à sua volta, por isso o Ente estendeu um tentáculo, tocando delicadamente no local onde a areia encontrava a água — uma fronteira entre duas das paisagens do Ente. Contudo, o eco na areia bastou como aviso de que estava próxima das odiosas pedras que constituíam a jaula do Ente havia tanto tempo.

Ainda assim...

Os tentáculos do Ente deslocaram-se pela areia, numa rápida mutação de cinzento-escuro que combinava com as grutas nas profundezas das águas para a cor de ferrugem da areia, tornando-os invisíveis ao fluírem em direcção ao muro de pedra.

Antes que o primeiro tentáculo tocasse a pedra, o Ente deu-se conta de uma mudança. Algo se alterara. Havia no ar uma sensação díspar, um vestígio do eco de um coração sombrio... ali.

Os tentáculos alongaram-se, metamorfoseando-se em finos fios de matéria que fluíam pela pequena abertura entre as pedras. A pouco e pouco, o grande corpo fluido deslocou-se pela areia e atravessou a abertura até que a ponta do último tentáculo tocou no outro lado do velho muro.

Estava livre.

O Ente não compreendera o poder do seu inimigo, não sabia que poderia ser fechado a sete chaves juntamente com as paisagens por si criadas, ainda que isso não pudesse ser feito na totalidade. Nunca na totalidade. Não conseguira alcançar o mundo físico para lá das suas próprias paisagens, mas não deixara de sussurrar aos corações verdadeiramente sombrios, enviando o eco pela penumbra dos sonhos quase despertos. E aos Obscuros, que lhe tinham dado corpo há tanto tempo. Tinham descoberto uma forma de enviar humanos para as paisagens do Ente as vezes necessárias para o entreter — e para o manter alimentado, bem como às suas criaturas. Contudo, agora libertara-se da magia no muro de pedra que o mantivera aprisionado; finalmente podia voltar a trazer as suas paisagens para o mundo. Agora podia localizar os Obscuros que o ajudariam a tornar o mundo naquilo que o *Ente* desejava que fosse. Agora...

A vibração de passos. A aproximarem-se.

Os tentáculos concentraram-se e formaram oito pernas. A forma do corpo alterou-se para se adaptar às pernas. Galgou o muro do jardim interior e correu pelo terreno até ao arco, com a barriga a roçar as cabeças dos cogumelos empolados. Galgou o muro ao lado do arco. Em poucos instantes, o grande corpo do Ente estava perfeitamente integrado nas pedras,

simulando até as sombras projectadas pelos espinheiros.

E o Ente aguardou, saboreando a antecipação de voltar a caçar.

Abraçando-se a si própria, Lukene tinha os olhos postos no portão com barras que se encontrava trancado. Uma porta de madeira do outro lado do portão impedia que se visse o que existia para lá daquelas paredes.

— Belladonna — sussurrou Lukene.

Um erro cometido há quinze anos, impossível de emendar. Mas ainda tinha ocasiões em que pensava que poderia ter agido, que *deveria* ter agido para travar o que sucedera.

Tinha vinte e quatro anos e era Instrutora há pouco tempo no ano em que Glorianna, com quinze anos, chegara ao Colégio de Paisagistas. Uma rapariga esperta, ávida de conhecimento. E tão talentosa...

Não tinha percebido a dimensão desse talento até meio do primeiro ano, quando a Instrutora de quem Lukene era assistente atribuiu às alunas a tarefa de criarem um ponto de acesso para “uma casa”. Uma vez que as alunas daquela idade tinham, na melhor das hipóteses, um controlo inexperiente sobre o seu poder, o ponto de acesso seria a ligação à paisagem que era realmente a casa *delas*. Era isso que a Instrutora esperava, era isso que a aula pretendia ensinar.

No entanto, Glorianna realizara algo que nenhuma outra Paisagista conseguiria. De alguma forma *alterara* Efémera, reorganizando fragmentos do mundo de modo a criar uma paisagem inteiramente nova, um lugar chamado Antro de Devassidão. As Instrutoras que avaliavam os esforços das alunas ficaram horrorizadas quando atravessaram e viram o Antro pela primeira vez — e ficaram ainda mais horrorizadas quando viram os “habitantes” dessa paisagem.

Ao regressarem ao jardim murado que era o local de treino de Glorianna, exigindo uma explicação, a rapariga sorriu e dissera que até os demónios precisavam de um lugar para viverem.

Ninguém perguntara a Glorianna o que a levava a criar um lugar para demónios que certamente iria atrair os elementos mais sombrios do coração humano. Ninguém contactou a família da rapariga para a questionar — pelo menos, não o fizeram quando ainda poderia ter valido a pena.

Ao invés de colocarem as questões que deviam ter sido postas, a Reitora sorriu com falsidade e dissera à rapariga que iria passar por um teste de nível avançado. Durante duas semanas deveria permanecer no jardim murado e reforçar as paisagens de base, o que significava as paisagens que ecoavam nela e que eram o seu “mundo pessoal”.

Fora-lhe dado um cesto com comida, as roupas e os livros que possuía, água e cobertores.

Ficara do lado de dentro do portão, sorrindo, enquanto observava a Reitora a colocar um sólido cadeado no portão com barras, para impedir que alguém entrasse.

E acenara alegremente a Lukene quando as Instrutoras se afastaram.

Antes que fosse demasiado tarde, na última manhã Lukene roubara a chave do cadeado e entrara no jardim de Glorianna. O que a rapariga conseguira produzir numa quinzena deixara-a impressionada e sem fôlego — e apavorada. O Antro de Devassidão não fora um acaso. A rapariga possuía deveras o poder de alterar o mundo e precisava de ser apoiada com desvelo.

Correra a contar à Reitora, gaguejando ante a tentativa desesperada de se fazer entender. Contudo, a Reitora silenciara-a com um berro, asseverando que a decisão estava tomada: os Magos tinham chegado para selar o portão. Glorianna e o seu poder sobrenatural seriam emparedados para que as paisagens ficassem a salvo.

Quando regressou ao jardim murado os Magos já tinham partido, o lacre estava colocado e ninguém poderia voltar a entrar naquele espaço — ou a sair. O que quer que Glorianna conseguisse que Efêmera manifestasse naquele jardim seria o mundo que a rapariga alguma vez iria conhecer.

Contudo, decorrido um mês, caminhava com algumas alunas e reparou numa rapariga de cabelo preto em frente do portão selado.

— *O que estás aqui a fazer?* — perguntou Lukene. — *Sabes bem que os estudantes não podem...* — *as palavras dissiparam-se quando a rapariga se voltou e olhou para ela.*

— *Então é por isso que nenhum de vós veio ver o meu trabalho* — disse Glorianna.

— *Quem sabe* — disse Lukene com cuidado, ciente de que as alunas estavam agitadas — *agora que encontrei o caminho de volta...?*

Glorianna abanou a cabeça. — *Não. Já nada quero de vós. Optaram por me emparedar. Agora sou eu que vos excludo.*

— *Não era minha intenção fechar-te!*

A rapariga sorriu com tristeza. — *Não, não era. Adeus. Lukene. Viaja com leveza.*

Quando Glorianna se virou, uma das alunas de Lukene perguntou: — *Quem és tu?*

Glorianna parou, olhou para trás, disse — *Sou Belladonna* — e afastou-se, não mais sendo vista no colégio.

Lukene enxugou as lágrimas do rosto e começou a caminhar, não prestando atenção ao caminho que levava, precisando apenas de se manter em movimento.

Nada podia ter feito na ocasião, nada podia fazer presentemente. Contudo, o erro cometido por todos há quinze anos ainda a corroía, a ponto de sentir a lâmina afiada a roçar-lhe nos ossos.

Os níveis de Paisagistas eram sete, sete níveis de competência no domínio do poder que mantinha as pessoas e o mundo a salvo da manifestação dos desejos de todos os corações. E depois havia Glorianna Belladonna. Ainda se...

Uma sensação de pavor invadiu Lukene, fazendo-a deter-se e olhar em redor.

O que a teria atraído *àquele* caminho? Porque parecia estar tudo desequilibrado? O eco obscuro, habitualmente suprimido pela presença de tantas Paisagistas, parecia estar a vazar do jardim proibido, a infiltrar-se pelo chão, espalhando-se de modo a contaminar todo o colégio. E era forte. Extraordinariamente forte.

Apesar de ser impossível. Impensável. Estava a exagerar no que dizia respeito a algo que sempre ali estivera no contexto do colégio. Certamente não seria mais do que a reacção à confrontação com Nigelle e aos pensamentos de Glorianna.

Ainda assim apressou o passo pelo caminho pouco trilhado e, ao chegar ao arco, viu o portão de ferro forjado aberto, ficando momentaneamente petrificada. Deu meia volta, com a intenção de correr para os edifícios do colégio e avisar toda a gente de que o impensável acontecera.

Será que o impensável aconteceu?

Um pensamento sussurrado. Calmo, tranquilizador, persuasivo.

Lukene hesitou e virou-se para olhar para lá do arco.

Se chegasse agora a correr, o que poderia transmitir à Reitora? Que alguém abrisse o velho portão? Essa informação causaria um rebuliço entre os Instrutores dos colégios de Paisagistas e de Pontes, mas não seria indiciador de nada. E, na verdade, não *sabia* se alguém teria mesmo aberto o portão.

Não queres cometer outro erro, sussurrou a voz.

Lukene abanou a cabeça. Não, não queria cometer outro erro.

Passou o arco e sentiu ânsias ao sentir o cheiro a carne putrefacta.

Os erros acabaram, sussurrou a voz. *Consumem-te. Consumem-te até ao tutano.*

Rebentavam cogumelos quando Lukene os pontapeava, na sua pressa de chegar ao portão. Bastava uma olhadela para confirmar que nada mudara lá dentro, pensava enquanto passava pela frecha. Só então comunicaria à Reitora, que mandaria os homens substituírem o portão. Não havia motivo para preocupações. Nada havia a temer.

Sentiu o ínfimo orifício no antigo muro de pedra a latejar dentro de

si como um dente cariado.

— Não — murmurou. — Oh, não.

Voltou a sair pelo portão. Atravessou a curta distância até ao arco a grande velocidade. Distraída por um movimento no muro, tropeçou ao olhar para cima e...

... correu pela faixa infindável de areia cor de ferrugem, sob um céu em tons de nódoas negras. Tinha o coração aos saltos, as pernas e os braços agitando-se para ganharem velocidade, mas as criaturas que a seguiam aproximavam-se cada vez mais.

Guardiães e Guias, como viera ali parar? Num minuto, estava a correr em direcção ao arco. Um movimento, um tropeção e...

Correu, engolindo o ar demasiado quente e seco. Os pés pesavam no infindável areal.

Viajar com leveza. Só precisava de alguns instantes para acalmar a mente, reencontrar o equilíbrio e fazer ressoar o ponto de acesso de uma das suas paisagens. Dessa forma regressaria ao seu jardim no colégio. E estaria a salvo. Depois avisaria os restantes de que...

Um pé escorregou nalguma coisa sob a superfície, quebrando-lhe o ritmo. Afastou os braços para manter o equilíbrio, mas essa breve hesitação custou-lhe caro. Sentiu a mordidela dilacerante na barriga da perna esquerda, o sangue a jorrar pela perna ao mesmo tempo que o medo lhe dava velocidade.

Os músculos da barriga da perna esquerda cederam. Perdeu o equilíbrio. Caiu com as mãos e um joelho no chão. Num segundo voltou a erguer-se, mas bastou para que outra a alcançasse, golpeando-lhe a coxa direita.

Novamente a correr. A correr, a correr, tentando ignorar os ferimentos, o sangue, os músculos que estavam a ficar tão rígidos que começavam a não querer obedecer às ordens desesperadas da mente.

Vislumbrou algo branco e guinou em direcção às dunas, sem se perguntar o que seria ou porque não tinha reparado antes na sua presença. Se conseguisse trepar para cima de uma daquelas dunas talvez conseguisse manter as criaturas afastadas, até conseguir regressar ao seu jardim no colégio.

No entanto, à medida que se aproximava, debatendo-se a cada passada, viu corpos escuros, quitinosos e segmentados que irrompiam do topo das dunas, correndo na sua direcção.

Tentou guinar uma vez mais e os músculos da barriga da perna esquerda deixaram de funcionar. Cambaleou. Quase não conseguia manter-se em pé. Com um grito de terror e desafio virou-se e agarrou a criatura que quase a alcançara, erguendo-a com ambas as mãos.

Por um segundo olhou para a cabeça, para as mandíbulas, para as pernas. A mente facultou-lhe a palavra: formiga. Mas o tamanho dessa coisa ia do cotovelo aos dedos. Aos gritos, lançou-a contra as outras que corriam para ela.

Tentou fugir, mas as pernas já não lhe obedeceram. Caiu ao comprido na areia.

E as criaturas alcançaram-na, as que vinham a persegui-la e as que vinham das dunas. Gritou ao sentir as mandíbulas a arrancarem-lhe pedaços de carne, enquanto o sangue ensopava a areia. Continuava a resistir, tentava livrar-se delas, mas já eram tantas que os seus movimentos não produziam mais do que uma pequena ondulação sob o aglomerado de corpos escuros e reluzentes.

Lukene parou de se mexer. Parou de gritar.

Quando, por fim, abandonaram o local, as obreiras para os montículos e as batedoras para a paisagem infindável, restou unicamente uma mancha escura de areia molhada, pedaços de tecido e ossos limpos.



CAPÍTULO TRÊS

Presente

Com a moeda bem fechada na mão, Lynnea aproximou-se sorrateiramente do poço dos desejos. Não havia ninguém por perto àquela hora da noite. Ninguém iria vê-la e mencionar o facto à Mã, que dizia que atirar moedas para o poço dos desejos era uma perda de dinheiro valioso. E a Mã ficaria muitíssimo zangada se suspeitasse sequer que Lynnea desejava algo além do que a Mã achava que ela merecia — comida, roupas decentes e um sítio para dormir.

Além disso, se a Mã descobrisse que tinha vindo ao poço dos desejos teria de explicar onde obtivera a moeda, visto que não tinha permissão para possuir dinheiro. E, uma vez que a Mã esquadrinhava várias vezes por semana o exíguo quarto desprovido, para se certificar de que Lynnea não estava a esconder alguma coisa que não lhe fosse permitido possuir, não poderia guardar a moeda durante muito tempo.

Por isso, *tinha* de ter vindo essa noite, tinha de se ter esgueirado da quinta depois de a Mã, o Pá e Ewan terem adormecido. Era *preciso* ter uma moeda para se pedir um desejo no poço de desejos e não era possível saber quanto tempo levaria até que a Mã voltasse a tombar novamente o frasco do dinheiro dos ovos, espalhando algumas moedas pelo chão da cozinha. Os olhos perspicazes da Mã não tinham reparado no centavo junto a uma perna da mesa da cozinha. Mas Lynnea vira-o, convencendo-se de que o raio de sol que passara pela janela naquele preciso momento, lançando a sombra que ocultara a moeda, significava que devia ficar com ela para poder ter a oportunidade de pedir um desejo.

Com a mão suspensa sobre o poço dos desejos, Lynnea murmurou: — Desejo...

Eram tantos os desejos que se apinhavam dentro dela que não soube qual escolher. E só tinha um centavo. Porventura só lhe seria concedido um desejo insignificante, se lançasse um centavo para o poço. Porém, não era um desejo insignificante que queria. O que desejava verdadeiramente...

Quem me dera viver noutra lugar. Quem me dera ter amigos. Quem me dera poder fazer as coisas bem feitas em vez de fazer sempre tudo mal, apesar de me esforçar. Desejo encontrar alguém especial a quem possa amar. Desejo que alguém me ame.

Foi invadida por algo invulgar e poderoso, sobressaltando-a de tal forma que abriu a mão de repente.

O centavo caiu para o poço e a sensação desvaneceu-se.

Lynnea afastou-se do poço, limpando as mãos na saia já muito remendada. Foi então que olhou para o céu e sentiu o medo — uma sensação tão familiar — a percorrer-lhe o corpo. A quinta encontrava-se para lá do extremo oposto da vila. Se não se despachasse não chegaria antes de os outros se levantarem e descobririam que tinha saído.

Cogitando se algo de bom resultaria do risco que correria nessa noite, Lynnea levantou a saia acima dos joelhos e correu de regresso à quinta.

Sebastian encontrava-se no final do beco. As luzes coloridas dos candeeiros que davam à rua principal do Antro um aspecto festivamente decadente mal chegavam à entrada, como se até a luz artificial não quisesse entrar naquele espaço sombrio.

Era demónio. Era essa a sua paisagem. Ainda assim não queria dirigir-se àquelas trevas, não queria ver o que se encontrava na extremidade oposta do beco.

Não importava a sua vontade. A multidão que se acotovelara à beira do beco, aguardando que o Provocador o fosse buscar, limitava-se agora a observá-lo. Tanto humanos como demónios tinham os olhos postos nele.

Ao lado de Sebastian, o Provocador estendeu a mão e pegou na tocha que alguém lhe oferecera.

— Vou contigo — disse o Provocador, com um ar pálido e agoniado.

— Mim também — rugiu uma voz. — Ir contigo.

A multidão afastou-se para deixar passar o demónio-touro. Enormes, ferozes e pouco inteligentes, vinham ao Antro para beber uns copos nas tabernas e bramirem às dançarinas. Os cornos assustadoramente curvados podiam colher um homem e, apesar das feições bovinas, dizia-se que comiam carne crua... de qualquer espécie.

Aquele demónio-touro segurava uma grossa moça de madeira, que terminava numa bola cravejada com espigões de ferro.

Entrar num espaço exíguo com um demónio-touro que levava uma arma de aspecto perigoso não era algo que qualquer pessoa no seu perfeito juízo fizesse, por isso a sensação de alívio face à oferta indiciou a Sebastian o quão receoso estava quanto ao que fora encontrado no beco.

— Agradeço-te — disse Sebastian. Fechou os olhos momentanea-

mente, reuniu coragem... e entrou no beco.

Havia algo de errado naquele lugar. O chão parecia mole, fluido... como se pudesse encrespar-se sob os seus pés a qualquer instante.

Não. O chão compacto não se mexia, não se encrespava. Era ele que se sentia enjoado e com ligeiras tonturas. O que era compreensível, tendo em conta o que esperava encontrar.

À medida que avançavam, a tocha revelou por fim a outra extremidade do beco.

Os três ficaram imóveis. A respiração do demónio-touro alterou-se subitamente, soando irregular e húmida.

O cadáver da súcuba que tinham encontrado na semana anterior estava em mau estado. Esse estava pior. Muito pior.

Fêmea. Encontrava-se de tal forma mutilada que não era possível saber se já a tinha visto no Antro, mal conseguindo perceber, com uma dose mínima de certeza, se a criatura espalhada pelo beco *era* mesmo do sexo feminino.

— Humana — segredou o Provocador.

Sebastian deu um safanão, quebrando o terrível domínio que o cadáver exercera nele e que lhe mantivera o olhar preso. Olhou para o Provocador. — Reconhece-la?

O Provocador estremeceu. — A pulseira. Usa sempre aquela larga pulseira de ouro. Tem um marido abastado. É uma cabra maldosa, que gosta de jogos duros na cama. O marido gosta de sexo monótono, por isso vem aqui para se rebolar na imundície e fazer diabruras.

Já não vai fazer mais nada, pensou Sebastian, preocupado com a forma como o Provocador falava, como se, a qualquer momento, a mulher fosse sentar-se e rir deles por terem caído na sua partida de mau gosto.

— Vamos...

Subitamente sentiu o medo a apertar-lhe a espinha com mãos gélidas. — Ouviste aquilo?

O demónio-touro abanou as orelhas e resfolegou. Sebastian não fazia ideia se queria dizer que tinha ou não tinha ouvido.

O chão voltou a parecer mole, instável. E podia jurar por tudo o que lhe era mais sagrado que ouvira uma gargalhada, sussurrada e perversa, vinda de muito perto.

Conhecia o Antro. Conhecia aqueles becos tão bem como as ruas principais. Algo estava errado.

— Vamos — disse, afastando-se do corpo. Haveria algo a deslocar-se nas paredes? Algo para lá da luz da tocha? — Provocador, vamos.

O beco não era muito comprido, mas parecia que tinha de se esforçar durante horas a cada passo que dava.

Estavam a meio caminho da rua e da multidão. Voltou-se e centrou a atenção em Philo e no Sr. Finch, dois humanos que tinham dado com o caminho para o Antro e que ali se haviam estabelecido.

Nesse momento ouviu. Um som débil de algo a arranhar, ao mesmo tempo que se apercebeu de um movimento na parede.

Não pensou. Dentro de si sentiu que não havia que pensar, pois estava certo de que se não saísse *agora* daquele beco acabaria como aquela mulher. Ou pior.

Correu até à entrada do beco. Entre uma passada e a seguinte, o beco estendia-se como caramelo morno e as pessoas que o aguardavam afastavam-se, ao mesmo tempo que o chão se tornava de areia que lhe enterrava os pés, fazendo com que perdesse velocidade. Mais um instante e o beco desapareceria e nada mais restaria além da areia, nada mais. . .

Não! Estava no Antro, num beco. Um pequeno beco. O chão sob os seus pés era firme. De cada lado, paredes de pedra. O Provocador e o demónio-touro corriam logo atrás de si. Via pessoas conhecidas que o aguardavam a alguns passos de distância. Só a alguns passos. Só. . .

Saíram de rompante do beco e a multidão amparou-os.

Com o coração aos saltos, Sebastian girou sobre si próprio, sem ouvir os gritos e as perguntas dos humanos e demónios que o rodearam.

Quase resvalara para outra paisagem. O beco quase dera lugar a outra paisagem. Um lugar pavoroso. . . do qual jamais regressaria.

A convicção de que existia algo terrível naquela outra paisagem deixava-lhe as pernas desfalecidas.

— Preciso de uma bebida.

Sentindo-se tão desesperado por se afastar da multidão como se sentira por a alcançar, Sebastian abriu caminho entre as pessoas e dirigiu-se ao pátio do Philo.

Ao fundo do beco, o Ente observava a multidão a seguir o íncubo como um rebanho de ovelhas medrosas. Noutra noite qualquer o Ente teria caminhado entre eles, assemelhando-se a um remediado cavalheiro de meia-idade que viera ao Antro para jogar e procurar prostitutas. Numa outra noite qualquer teriam olhado para o Ente e veriam uma possível presa. Certamente que a súcuba que matara alguns dias antes vira o Ente dessa forma. A fêmea humana que empestava o beco não ficara muito convencida de que um “humano” poderia proporcionar-lhe a mesma excitação sensual que um íncubo. O Ente mostrara-lhe que não era humano — e depois mostrara-lhe outras coisas. Ainda que não tivesse conseguido assistir à maior parte, pois os olhos foram das primeiras partes a serem confiscadas.

O medo da mulher revelara-se com o resto, um banquete delicioso

de emoções, condimentadas aqui e ali pela esperança de que alguém a visse e viesse em seu auxílio. Matar a súcuba, uma criatura tão desagregada dos puros-sangues da sua raça, produzira os primeiros calafrios de temor nos corações das pessoas que habitavam aquele lugar. Já o terror da fêmea humana, conseguido e alimentado nos escassos minutos que o Ente levava a matá-la, penetrara no chão, alterando a ressonância do beco para algo que o Ente poderia usar como ligação a uma das suas paisagens. Dessa forma não teria de se deslocar pelas paisagens pertencentes aos seus inimigos para chegar àquele terreno de caça.

Contudo, sentira que algo se debatera ao tentar deslocar os três machos para a paisagem dos adoradores de ossos. Não tinham efectuado a travessia por pouco, por um instante tinham sentido a areia sob os pés. Mas algo — ou alguém — tivera uma grande força de vontade para se segurar ao beco, mantendo-os nesse lugar. O que quer que possuísse essa força era um rival a suprimir.

De facto, até um rival poderoso poderia ser vencido se o receio fosse moldado numa arma acutilante.

O Ente ressoava, impondo a sua vontade em seu redor, forçando Efêmera a submeter-se à sua vontade.

Entre as paredes de pedra do beco, o chão transformou-se em areia cor de ferrugem à volta do cadáver.

O Ente metamorfoseou-se, com o enorme corpo a mudar de cor, enquadrando-se na pedra enquanto trepava pela parede com as oito pernas. E aguardou.

Decorridos alguns minutos surgiu o primeiro adorador de ossos. Pouco tempo depois não se conseguia ver a areia sob a massa de corpos negros e reluzentes.

O receio que uma menina sentia por formigas fora o germe que o Ente nutrira há muito, alimentando aquele medo até a rapariga ser devorada e, logo, por ele esvaída. O pavor da menina, dia após dia, vibrara pelas terras, concedendo ao Ente o poder de metamorfosear uma pequena criatura da Natureza num pesadelo real — um pesadelo a que chamaram adoradores de ossos, pois fora tudo o que restara da menina, a primeira presa dessas criaturas.

Suspirando como um amante satisfeito, o Ente ficou a ver o último adorador de ossos a afastar-se. Sendo criaturas simplórias, não conseguiam atravessar para o beco. Para elas o beco não existia. Todavia, quem estivesse do outro lado da fronteira fluida, e que fosse atraído ou impelido para aquela areia, desapareceria na paisagem dos adoradores de ossos e jamais regressaria.

O Ente desceu pela parede, sofrendo nova mutação ao tocar na areia.

Como um adorador de ossos, dirigiu-se apressadamente pela areia até ao ponto de acesso que criara e que o levaria de regresso ao covil do inimigo — o lugar a que chamavam Colégio de Paisagistas. Aí encontrara um sítio seguro, um lugar obscuro onde podia repousar enquanto unia as suas paisagens a outras paisagens — ao mesmo tempo que procurava a paisagem onde os Obscuros agora viviam.

Quanto aos humanos e restantes criaturas que habitavam esse terreno de caça... quando regressassem para levar o cadáver da fêmea iria deparar-se-lhes areia em vez de chão sólido, um vestido elegante em farrapos, uma larga pulseira de ouro... e ossos limpos.

■

Deixando-se cair numa cadeira, Sebastian apoiou os braços numa das mesas espalhadas pelo pátio do Philo. Tremia, como se o corpo percebesse o que a mente não conseguia abranger.

O Provocador, sucumbindo numa cadeira à frente de Sebastian, parecia igualmente agoniado, igualmente aterrorizado.

O que acontecera naquele beco? Glorianna dissera-lhe numa ocasião que não se podia atravessar para outra paisagem se o coração não estivesse aberto ao que aí estava contido, tal como nem sempre era possível regressar a uma paisagem que se conhecia se algo se tivesse alterado no interior da pessoa, levando a que o coração deixasse de ecoar nesse lugar. Ao atravessar uma ponte ressonante, os limites e as fronteiras que definiam as paisagens poderiam tornar-se tão esvaecidos como um sonho. A única constante de Efémera era que estava em constante mutação.

Por isso, o que significaria o facto de, juntamente com o Provocador e com o demónio-touro, quase ter resvalado para outra paisagem sem passar qualquer ponte? Como podiam duas paisagens fundir-se a ponto de se ver uma a desaparecer enquanto a outra ganhava predominância?

Nada semelhante sucedera antes no Antro.

Philo, um homem pequeno, rechonchudo e a ficar careca, que servia a melhor comida no Antro, chegou rapidamente junto deles e bateu com dois copos de uísque na mesa. Na testa o suor formava gotículas, mas tinha as mãos firmes ao servir as bebidas e empurrar os copos para junto de Sebastian e do Provocador.

Este bebeu o uísque de um gole. Sebastian, com receio de toldar a mente e derrapar para o pesadelo, bebeu um trago cauteloso.

A multidão aglomerava-se na rua fora do pátio, mas passaram-se alguns preciosos minutos de silêncio antes de Philo mudar o peso do corpo de um pé para o outro, chamando a atenção de Sebastian.

— É a segunda vez em duas semanas — disse Philo. — Não há raça de demónio que mate daquela forma. Nada no Antro mata daquela forma. Foi por isso que, quando a encontrámos, pedimos ao Provocador que fosse buscar-te.

Sebastian franziu o sobrolho. — Não estou a perceber.

Philo e o Provocador não olharam directamente para Sebastian. Quando fitou de relance a multidão, todos desviaram o olhar.

Por fim, o Provocador perguntou com delicadeza: — Estamos a ser castigados, Sebastian?

— Como é que...?

Mas sabia. Vendo o receio patente nos olhos do Provocador, sabia perfeitamente. Abanou a cabeça. — Não o faria. Belladonna não traria algo deste género para uma paisagem.

A encabeçar a multidão, o Sr. Finch emitiu uma espécie de trinados aflitos.

Philo torceu as mãos. — Se fizemos alguma coisa que enfureceu a Paisagista...

— Não faria algo assim! — retorquiu Sebastian.

Silêncio. Por fim, Philo disse: — Mas alguém fez.

Mantendo os olhos fixos na mesa, Sebastian bebeu o uísque, sentindo as lealdades em conflito. O Antro era o seu lar. Passara os últimos quinze anos entre aquela gente. Contudo, os momentos felizes da sua infância estavam relacionados com Glorianna, Lee e Nádia, a mãe dos dois. Todas as recordações dos anos antes de fugir ao pai pela última vez estavam, de uma forma ou de outra, ligadas a um deles.

E no ano em que os Magos, esses pedantes pilares da lei e ordem, tinham tentado destruir o Antro...

Seis anos após a criação do Antro, os Magos vieram com uma Paisagista de sétimo nível, a quem tinham convencido, de alguma forma, a assumir o controlo do Antro, “equilibrando” a paisagem.

Sebastian encontrava-se de um lado da rua principal com Philo, o Provocador e o Sr. Finch, observando a Paisagista a posicionar-se entre a linha de Magos e a de residentes, com as mãos ligeiramente erguidas, a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados. Sebastian olhou para os Magos, fixando-se num em particular, que acabou por lhe devolver o olhar implacável com os olhos plenos de ódio.

Os demónios eram uma influência perniciosa no mundo. Os demónios representavam uma ameaça para os humanos. Os demónios não tinham lugar em Efémora e, ao criarem um refúgio para tal perversidade... os Magos não tinham conseguido impedir a criação do Antro, mas estavam determinados a acabar com aquele lugar.

Podiam tê-lo feito noutra qualquer. Podiam ter escolhido um lugar sossegado na periferia do Antro, não teria sido necessário afastarem-se mais do que escassos passos para lá da ponte usada na travessia para essa paisagem. Não teria tido qualquer influência naquilo que a Paisagista iria fazer. Ao invés, dirigiram-se à rua principal do Antro, atormentando humanos e demónios, que se tinham juntado com a revelação de que o lugar onde habitavam no mundo iria ser estilhaçado a ponto de ficar irreconhecível. As mudanças já estavam em andamento e nem sequer a morte da Paisagista poderia ter interrompido o que estava para vir.

Por fim, ao sentir que algo se enrolava à volta do coração, ciente de que a Paisagista estava a aceder ao âmago do coração de cada criatura que considerava o Antro como lar, desviou o olhar dos Magos e da mulher e concentrou-se nas luzes coloridas nos edifícios e nas ilhotas de árvores anãs e flores noctívagas que viviam da luz fria do luar e não do brilho cálido do Sol. Queria recordar-se do Antro tal como estava naquele momento pois, quando os Magos e a Paisagista terminassem, sabia-se lá o que Sebastian e os restantes conseguiriam recuperar.

O rodopio desvaneceu-se. O silêncio era geral.

A Paisagista, uma das mais poderosas do seu género, esfregou os braços como se sentisse frio e, hesitante, retrocedeu um passo, afastando-se dos Magos enquanto olhava em redor. Enquanto todos olhavam em redor.

Nada se alterara.

— Esta paisagem já possui o eco de uma chancela — sussurrou a Paisagista.
— O eco de uma chancela muitíssimo poderosa. Já não... já não sou bem-vinda neste lugar.

— Estúpida filha da mãe — segredou o Provocador. — Julgava que era bem-vinda antes disto?

Sebastian limitou-se a observar a mulher, que parecia mais agitada a cada segundo que passava.

— Quem controla esta paisagem? — perguntou a Paisagista.

Como os Magos não responderam, Sebastian disse: — O Antro pertence a Belladonna.

Rodopiou para encarar os Magos. — Não me facultastes esta informação.

— Não era importante — respondeu um dos Magos.

— Estais loucos? — berrou a mulher. — Ninguém mexe nas paisagens de Belladonna. Ninguém!

A voz perdeu-se num soluço.

Sebastian sentiu a comiseração a surgir. A Paisagista parecia uma criança apavorada, que se tinha repentinamente apercebido de que tudo o que receava estar à espreita nos recantos escuros existia realmente.

Os Magos mexeram-se desconfortavelmente. — Visto que nada mais há aqui a fazer, partamos — disse um deles.

— E para onde irei? — lamentou-se. — Não existe um sítio que seja segu-

ro.

Os Magos fitaram-na repugnados. Depois afastaram-se, sem olharem para trás.

A Paisagista sucumbiu no meio da rua.

Philo ergueu as mãos num gesto vão. — E se...

— Luz do dia — disse o Provocador entre dentes, olhando para o fundo da rua.

Seguindo o olhar do Provocador, o coração de Sebastian quase lhe saltou do peito.

Estava sob um dos candeeiros, com os olhos postos na Paisagista. Sebastian avançou ao seu encontro, uma vez mais surpreendido pelo facto de que aquela bela e esbelta mulher, de olhos verdes tão parecidos aos seus e com um longo e sedoso cabelo preto, era capaz de realizações nesse mundo que apavoravam até os demónios mais ferozes.

— Glorianna — disse ternamente, parando defronte dela.

— Sebastian.

A sua voz ainda preservava um toque da cadência rústica que o encantara quando a conheceu.

— Não creio que a Paisagista quisesse mesmo prejudicar-nos.

Observou os olhos de Glorianna, procurando a compaixão ferosa que sabia arder no seu interior, nada mais encontrando do que gelo. — Julga-a com o coração.

— Não será o meu coração a julgá-la, Sebastian — respondeu Glorianna. — Será o dela.

Passou por ele e dirigiu-se à Paisagista.

Sebastian juntou-se a ela, caminhando a uma distância que lhe indicasse claramente que a apoiava, fosse qual fosse a opção que tomasse, ainda que mantivesse a distância reveladora de que não iria interferir.

Detiveram-se a alguns passos da Paisagista, que não fez qualquer tentativa de se levantar e de os enfrentar como iguais. Limitou-se a erguer o olhar, ciente de que nenhuma súplica poderia alterar o que quer que viesse a suceder.

Ninguém falou. Ninguém mexeu um dedo, enquanto Glorianna e a Paisagista se entreolhavam.

Por fim, Glorianna disse: — Volta para as tuas paisagens.

A Paisagista ergueu-se desajeitadamente, cambaleando, enquanto recuava para logo se virar e correr na mesma direcção dos Magos.

Sebastian olhou para Glorianna. A tristeza presente no seu olhar foi de tal forma inesperada que o magoou profundamente. Sabia que Glorianna fora expulsa do colégio, que fora declarada Paisagista proscrita. Fora tudo o que Lee lhe contara, mas não explicara o motivo. Nunca lho dissera.

Aproximou-se dela ao encetar um passo para o lado, dando-lhe um toque com o cotovelo. — Anda. Convido-te a provar as especialidades do Philo: Tetas Recheadas e Delícias Fálicas.

A tristeza foi-se. Ficou a surpresa, que passou rapidamente para o ar desconfiado com que geralmente olhava para Sebastian e Lee quando tentavam convencê-la de que algo absurdo era realmente verdade. Obviamente que os três eram muito jovens à época e não sabiam que nada podia ser absurdo em Efêmera. Em particular para Glorianna.

— Tetas Recheadas e Delícias Fálicas — disse. — E o que vem a ser isso?

Sebastian sorriu com malícia. — Vem comigo e vê por ti própria.

Assim foram à taberna de Philo e, quando lhe colocaram os pratos à frente, a gargalhada de Glorianna ecoou pelo pátio — e ao longo de algumas horas, enquanto bebiam vinho e comiam a variedade de comida que Philo lhes oferecia, viu-a como a menina de olhar vivo de que se recordava e não como o ser em que se estava a tornar por ser pária e proscrita.

Sebastian ergueu o copo, reparou que estava vazio e pegou na garrafa de uísque.

Ninguém se atrevia a tocar nas paisagens de Belladonna. Fora essa a lição que Magos, Paisagistas e demónios tinham aprendido há nove anos. O que significava que duas paisagens tinham sido recentemente ligadas por uma ponte, permitindo que um assassino conseguisse chegar ao Antro, ou outra Paisagista *conseguira* acrescentar algum elemento à paisagem — ou, quem sabe, talvez Philo e o Provocador tivessem razão e a própria Gloriana levara algo para o Antro.

Sebastian não acreditava nessa hipótese. *Não podia* acreditar. Mas, se não tivesse sido Glorianna...

— Pode ter sido um humano — disse Sebastian.

Philo ficou tenso. O Provocador contemplou-o, chocado.

— Pode ter sido um humano — repetiu. — Uma mente doentia ou malvada, que tenha vindo caçar ao Antro por ser uma paisagem sombria.

— Ora, luz do dia! E o que devemos nós fazer? — perguntou o Provocador.

As palavras alojaram-se na garganta de Sebastian como pedras afiadas e o uísque embrulhava-lhe o estômago enquanto sentia uma profunda repulsa. — Temos de informar os Magos.

— Guardiães e Guias, Sebastian — irrompeu Philo. — Darias a essas criaturas uma razão para aqui voltarem?

— Haverá outra hipótese? Morreu aqui uma humana!...

— Já cá morreram outros humanos — resmoneou o Provocador. — Fazem a travessia, vêem um belo cavalo que parece manso para os dei-

xar montar e dão com eles no lago a afogarem-se antes de perceberem que foram enredados por um cavalo-de-água. Ou seguem as luzes dos pântanos em vez de se manterem no caminho que os levaria a casa e acabam como convidados de honra num festim de Foliões. Ou acham que um demónio-touro não tem esperteza para perceber que estão a fazer batota ao jogo.

— Não é a mesma coisa — disse Sebastian. — Quem quer que vagueie pelas paisagens sombrias que cercam o Antro corre o risco de nunca regressar a casa. E quem for estúpido ao ponto de enganar um demónio-touro está a pedir para ser esventrado. Este caso é diferente. Além disso, disseste que o marido desta mulher é rico, o que significa que deve ter algum estatuto social na paisagem de onde é originária. Devem começar a procurá-la quando não regressar.

— Talvez — respondeu o Provocador. — Mas em todas as ocasiões que estive com ela deu-me nomes diferentes e nunca me disse de que paisagem vinha.

— O que nos traz de novo à questão de informar os Magos — disse Sebastian, subitamente abatido.

Philo disse, de modo hesitante: — Não seria melhor esperar até perguntarmos à Paisagista?

— Ninguém sabe como a encontrar — respondeu Sebastian. O que não correspondia totalmente à verdade. Era possível que a tia Nádia soubesse como fazer chegar uma mensagem a Glorianna, mas não queria contar à tia o que se estava a passar no Antro para ver uma verdade horrível nos seus olhos: que *fora* Belladonna a enviar aquele mal para coabitar com eles.

— Assim sendo restam os Magos, pois sabemos como chegar a esses cabrões. Além disso, cabe aos Justiceiros resolverem este tipo de... problema.

Olhou para Philo e para o Provocador... e aceitou que não havia alternativa. — Eu vou.

O Provocador empurrou a cadeira da mesa. — Vou tentar convencer um ciclodemónio a dar-nos uma boleia.

— A dar-nos? — perguntou Sebastian, surpreendido. — Vens comigo?

O Provocador fez um movimento com os ombros, que parecia querer tornar-se um encolher de ombros mas que pareceu um estremeção ansioso. — Pelo menos até à ponte.

Que era mais longe do que julgava que o outro íncubo pudesse ir. — Tenho de regressar à cabana e fazer a mala.

Ainda que a viagem não demorasse mais do que um nascer e pôr da Lua, iria precisar de uma camisa lavada para usar ao apresentar-se perante

os biltres que viviam para lá das suas paredes e rituais.

Pediu emprestada a bicicleta de Philo e regressou à cabana o mais depressa que conseguiu. Quando acabou de pôr na mala alguns produtos de higiene pessoal e umas mudas de roupa, de vestir umas calças e um casaco de cabedal que certamente iriam enraivecer os Magos, mas que o faziam sentir-se menos suplicante, saiu da cabana e encontrou o Provocador a aguardá-lo, montado num ciclodemónio.

Do mesmo modo que as carruagens motorizadas inventadas numa das paisagens de grandes cidades, os velocípedes motorizados eram desconhecidos no Antro até uma dúzia de homens terem-no atravessado, alguns anos antes, em busca de farra e causando distúrbios. Julgavam-se mauzões. Julgavam-se cruéis. Julgavam-se poderosos até se envolverem com demónios que eram piores, mais cruéis e imensamente mais poderosos.

As rodas desapareceram. Tal como o motor e o que quer que tivesse propulsionado o velocípede. Os demónios que tinham ocupado os velocípedes não precisavam daquelas peças.

O demónio que vivia naquela em particular fitava-o com olhos es-carlates. O rosto encovado e as orelhas com tufos de pelos davam-lhe um aspecto cómico — caso fosse possível ignorar os dentes afiados, o tronco encorpado, os braços grossos e os dedos que terminavam em garras recurvadas.

Tendo-se certificado de que o outro passageiro era a pessoa que lhe fora indicada e não uma possível refeição, o demónio recolheu-se à cavidade oca do velocípede, ficando com a cabeça de fora no buraco que em tempos fora ocupado por um farol.

Ajustando as alças da mochila para que assentasse nas costas de modo confortável, Sebastian montou no velocípede atrás do Provocador.

Uma vez que os demónios possuíam a capacidade de fazerem os velocípedes flutuarem acima do chão não precisavam de estradas, embora este seguisse o caminho da cabana até à rua principal do Antro, prosseguindo para lá dos edifícios encavalitados até chegar ao descampado.

A cerca de um quilómetro e meio do Antro pararam junto a uma ponte de madeira que atravessava um ribeiro.

Existiam dois tipos de pontes. As pontes estáveis ligavam uma ou mais paisagens específicas e representavam geralmente uma forma fiável de se atravessar de uma paisagem para outra. As pontes ressonantes permitiam que se atravessasse para qualquer paisagem que ecoasse no coração da pessoa. Na maioria das vezes bastava a concentração nessa vontade para se alcançar um destino específico. Noutras ocasiões, porém, uma ponte ressonante ignorava a vontade e atentava unicamente no coração — e a pessoa acabava numa paisagem que não tinha qualquer relação com aquela para

onde pretendia ir. Assim, viajar em Efémora era uma aventura arriscada.

E essa era uma ponte ressonante.

O Provocador olhou por cima do ombro. — Serve?

Sebastian respirou fundo e expirou devagar. — Serve.

E tinha outra opção? Não existia uma única ponte estável que ligasse qualquer uma das paisagens de Belladonna à paisagem onde ficava a Cidade dos Magos.

Desmontou do ciclodemónio e dirigiu-se à beira da ponte. Tentou desanuiar a mente de tudo, excepto da necessidade de chegar à Cidade dos Magos.

— Sebastian...?

Olhou para trás.

O Provocador remexeu os ombros, com um ar embaraçado. — Viaja com leveza.

A Graça do Coração. Acalentava-o ouvir alguém pronunciá-la. — Regressarei em breve — assim esperava.

Cidade dos Magos. Cidade dos Magos. Outras imagens tentaram intrometer-se — a sensação de areia sob os pés descalços — mas entoou as palavras “Cidade dos Magos” em voz baixa ao mesmo tempo que atravessava a ponte.

Se a paisagem terrestre não parecia ter mudado, já o céu parecia agora de um tom acinzentado que anunciava o despontar do dia ou a luz do crepúsculo que se extinguiu lentamente. E ao olhar para trás, para lá do ribeiro, não avistou o Provocador nem o ciclodemónio.

Ora bem. Tinha passado. Restava-lhe a esperança de ter atravessado para a paisagem correcta.

Um caminho irregular de carroças afastava-se da ponte. Ajustando a alça da mochila para ficar mais confortável nos ombros, seguiu o caminho para onde quer que o levasse.

■

Glorianna entrou no beco, deteve-se e abriu a portinhola da lanterna para iluminar o chão tanto quanto possível. Um passo cauteloso, seguido de outro. A examinar constantemente o chão, as paredes, as sombras. Quando a luz chegou aos ossos e à areia cor de ferrugem, parou. Acocorando-se, tocou com um dedo no chão e estudou os grãos de areia que ficaram colados à pele. Eram escassas as paisagens com areia daquele tom, mas em conjunto, com ossos limpos... só havia uma.

Ora então era essa a origem da dissonância que sentira ao entrar no jardim privado para verificar as suas paisagens. Alguns dias antes sentira

uma agitação de inquietude e tencionava visitar o Antro para falar com Sebastian, mas entretanto sentira agitações mais fortes em duas outras paisagens. Fizera a travessia para verificar as perturbações nessas paisagens mas nada encontrara fora do comum, pelo que chegara à conclusão de que deveria ter passado por lá algum Mago, visto que a presença dos Magos causava sempre alguma dissonância nas suas paisagens. Quando regressara a casa, a agitação que perturbara o Antro tinha desaparecido.

Até àquele momento.

Esfregou o polegar nos outros dedos, até ter a certeza de que estava limpa de todos os grãos de areia. Levantou-se e recuou com cautela.

Glorianna, nestas últimas noites os meus sonhos foram invadidos por imagens perturbadoras e de uma... sensação... de que algo antigo, algo malévolos está a nadar abaixo da superfície do mundo.

Eu sei, mãe. Sonhei com o mesmo.

Regressou à entrada do beco, abriu o saco que ali deixara e retirou um bocado de uma pedra dentada. Voltou a entrar no beco e observou o chão atentamente, procurando o grão de areia mais afastado dos ossos. Colocou a pedra em cima do grão de areia mais afastado e invocou o mundo.

Efêmera, ouvi-me.

As correntes de poder da Escuridão e da Luz que fluíam pelo Antro misturaram-se com as correntes de Luz e Escuridão no interior de Gloriana, enquanto o mundo aguardava para manifestar a sua vontade.

Levai a areia defronte de mim e enviai-a para a profundidade do lugar das rochas. Deixai que a areia fique com os ossos. Agora pertencem a essa paisagem. Não deixeis aqui permanecer o que não tiver origem no meu coração.

Sentiu as torrentes de poder da Escuridão a fluírem no beco, juntamente com um fio de Luz. Ficou a ver a areia e os ossos a desaparecerem, bem como o pedaço de pedra dentada que iria ser o ponto de fixação que ligava o lugar das rochas à paisagem dos adoradores de ossos.

Contemplou Efêmera a manifestar a sua vontade, a responder-lhe de uma forma como não respondia a outra Paisagista.

O seu eco voltou a preencher o beco. Contudo, restava uma vibração de medo no sítio onde o sangue se infiltrara na terra e esse medo persistiria, manchando o coração de quem passasse no beco.

Sentiu um puxão brincalhão vindo das correntes de Luz. Antes de conseguir reagir e impor a sua vontade viu rebentos a surgirem do chão compacto, tornando-se rapidamente em viçosas folhas verdes. Num minuto, o chão manchado de sangue ficou coberto por um verde-vivo.

No mínimo, era um sítio estranho para as plantas crescerem.

Aqui não há luz. Nem sequer o luar chegará às plantas. Não sobreviverão.

A Luz proporcionar-lhes-ia tudo do que necessitavam. E a visão des-

sas plantas deixaria os corações felizes. Os corações não ficariam felizes?

Efémera tinha vida mas não possuía inteligência própria. Enfim, não pensava de uma forma que as pessoas pudessem julgar como inteligente. Porém, outrora, Efémera tinha-se acoplado ao coração humano, criando-se e recriando-se em resposta a esses corações. Dado que reagia ao coração de Glorianna acima de qualquer outro nas paisagens que lhe pertenciam, as plantas só podiam ser a resposta de Efémera ao desejo que sentira de atenuar a violência que invadira o beco.

Suspirou, sorrindo em simultâneo e magicou no que os habitantes do Antro iriam dizer quando descobrissem a vegetação.

Saiu do beco, pegou no saco e olhou em redor. Podia despender uma hora ou duas. Podia passear pela rua principal do Antro e escutar os corações de quem ali habitava, antes de ir à procura de Sebastian.

■

Lynnea esgueirou-se para a cozinha às escuras. No entanto, ao respirar de alívio, ouviu o roçar de um chinelo e sentiu uma deslocação de ar, antes de o açoite da correia de couro a atingir nas costas.

Gritou, ainda que baixinho, pois sabia que o castigo seria pior se o barulho que fizesse acordasse o Pá ou Ewan.

Uma das robustas mãos da Mã agarrou-lhe o cabelo, forçando a cabeça a baixar-se para a manter segura, enquanto a outra mão manejava a correia com uma eficiência brutal, percorrendo-lhe as costas, as nádegas e as coxas.

— Galdéria — sibilava Mã. — Rameira. Puta! Achas que não sei o que andas a tramar?

— Não fiz nada de mal. Só fui dar um passeio.

— Sei bem que tipo de passeios as raparigas dão quando saem à capa de casa a meio da noite. Não te acolhi e criei para fugires e tratares da casa de um homem. Como se uma criatura como tu merecesse ter marido e filhos... Não passas de lixo deitado à beira da estrada. Lixo que eu acolhi por bondade, na esperança de te criar para te tornares numa rapariga decente. Mas já nasceste lixo e de lixo não passarás. Devia ter-te deixado à tua sorte para morreres. Era isso que devia ter feito.

— Só fui dar uma volta!

O protesto não surtiu qualquer efeito. O palavreado e os golpes prosseguiram até que a Mã disse tudo o que queria dizer. Até a dor nas costas de Lynnea, causada pela correia, se tornar insuportável e o coração ficar desgastado pelas palavras.

Ouviu-se um rangido no soalho do andar de cima, o que levou Mã a

dar um último puxão ao cabelo de Lynnea antes de se afastar.

— O homem está a pé. Vai à capoeira e traz ovos.

Lynnea arrastou-se até à bancada de madeira junto ao lava-louça. As mãos tremiam de tal forma que espalhou os fósforos pela bancada ao abrir a caixa para acender a lanterna.

Praguejando em voz baixa, a Mã agarrou na caixa e acendeu o pavio da lanterna. — Inútil é o que és. Uma perda de tempo e dinheiro. Anda lá para fora. Andor.

Pegando na lanterna, Lynnea gemeu ao baixar-se para pegar no cesto dos ovos.

— E não te ponhas para aí a choramingar e a impar — disse Mã. — Merecias ter levado muito mais e sabes bem isso, menina.

Ouviu-se novamente o soalho a ranger.

Lynnea saiu da cozinha o mais depressa que conseguiu. Se o Pá descesse e percebesse que havia algo de errado, a situação azedaria ainda mais. Seria muito pior.

Contudo, ao chegar à capoeira pendurou a lanterna no gancho junto à porta e ficou parada, a contemplar as galinhas adormecidas.

Era essa a sua vida. Não passava disso.

Não se lembrava da sua vida antes da quinta. Não tinha qualquer memória de como acabara a viver com a Mã, o Pá e Ewan, conhecia apenas a história que a Mã contava, dizendo ter encontrado uma menina abandonada à beira da estrada.

Encontrei-te à beira da estrada e posso lá deixar-te sem problemas, não te esqueças disso, menina. Faz por ganhar o teu sustento ou voltas para a estrada com as roupas que trazes no corpo — tal como te encontrei.

Nunca existira a mínima bondade na Mã. Parecia amar Ewan e o Pá de uma forma fria, mas jamais demonstrara aquele género de amor distante para com a menina que acolhera. Desejaria, porventura, uma filha do seu próprio sangue e terá sido por isso que parara para recolher uma criança abandonada.

A razão já não importava. Cada erro — e uma criança era capaz de cometer tantos — era seguido pela ameaça de ser levada para a estrada e novamente abandonada. Nunca se sentira segura, vivia num medo constante de ser esse o dia em que cometeria o erro que a levaria a ser largada como um trapo gasto.

E, ainda assim, quando tentava recordar-se daquele dia as recordações que surgiam eram diferentes. Sentia-se na pele daquela menina, feliz e com uma sensação de satisfação antecipada ao percorrer os limites de uma clareira, seguindo depois um caminho pelo bosque, enquanto apanhava flores para a mãe. Ao sair do bosque deu consigo à beira de uma estrada,

segurando um ramo de flores em cada mão. E perdera a mãe.

Fora então que a senhora, Mã, passara com o cavalo e a pequena carroça. Fitara Lynnea, que se esforçava por demonstrar coragem e não chorar por se ter perdido da mãe.

És a resposta a um desejo — dissera a Mã ao descer da carroça. — Como te chamas, filha?

— Lynnea. Apanhei flores para a mamã mas perdi-a.

— Agora vou ser eu a tua mãe.

A Mã pegou nela e pô-la na carroça. Não a sentou no banco, mas no chão. Depois, subiu para a carroça e incitou o cavalo para que galopasse a toda a brida.

Lynnea limpou as lágrimas à manga. Não sabia se era uma memória real ou se não passava de algo que desejava com tal fervor que a levara a alterar a história da Mã para não a magoar tão profundamente. Tal como não sabia se era verdadeira a lembrança de ouvir um homem e uma mulher a chamarem por ela, uma e outra vez, como se estivessem à sua procura.

Agora não importava qual das histórias era verídica. Tudo acontecera há muito tempo. Mais precisamente há dezasseis anos. E sabia-o porque, pouco depois de ter chegado à casa da Mã, Ewan celebrara o sexto aniversário e a Mã fizera um bolo por ser uma ocasião especial. Nessa noite, quando se preparava para ir para a cama, dissera à Mã quando era o seu aniversário, para que a Mã, que era agora a sua nova mãe, soubesse qual o dia para fazer o bolo.

Mas não teve um bolo no dia do aniversário. Nem naquele ano nem em ano algum. Os bolos levavam tempo a fazer e era preciso dinheiro. Os bolos eram para crianças genuínas, não para crianças como ela.

Já não se recordava qual era o dia do seu aniversário. Não queria recordar-se. E não se lembrava que idade tinha quando a Mã a encontrara na berma da estrada. Porém, sabia que fora há dezasseis anos pois Ewan tinha feito vinte e dois na semana anterior — e a Mã fizera um bolo.

Quem me dera viver num sítio diferente. Quem me dera ser amada por alguém.

Desejos disparatados. Tais como todos os outros desejos que formulara.

Enxugando os olhos uma última vez, Lynnea começou a recolher os ovos.

■

Rezingando consigo mesma, Glorianna percorreu a ruela em direcção à cabana de Sebastian. Vira-o com o Provocador passando a grande velo-

cidade pela rua principal num ciclodemónio, em direcção à extremidade oposta do Antro, mas não tivera tempo de os chamar. Sebastian levava uma mochila, por isso devia estar a planear visitar alguém, atravessando para outra paisagem.

Oportunidades e escolhas. Perdera a oportunidade de falar com Sebastian, por isso outro padrão de acontecimentos ganharia forma. Era assim que o mundo funcionava. Era assim a vida.

No momento em que olhara nos olhos verdes do rapaz desconfiado e sentira o imenso anseio do seu coração por pertencer à casinha bonita, com a mulher afável e crianças que não eram cruéis, soubera que a sua ligação a Sebastian era diferente daquilo que a ligava a Nádia e a Lee. Entendera, fruto do instinto de criança, que ela e Sebastian exerceriam uma influência de grande monta nas vidas um do outro. Nessa ocasião, não sabia que o amor ao seu primo e a vontade de o ajudar iriam quebrar o padrão da sua vida de modo tão profundo, mas...

Oportunidades e escolhas. A escolha devera-se a Sebastian, mas fora *dela*. E, ainda que não voltasse a conseguir retomar o padrão da sua vida de forma a torná-la completa, não se arrependia da escolha que fizera. Nunca lamentara essa escolha. Fora o que o salvara.

— Sebastian — disse, e sorriu.

As correntes de poder intensificaram-se de tal forma que a avassalaram, deixando-a ofegante. Parou, ficando no meio da ruela enquanto absorvia a sensação que a invadira. Um anseio do coração. Um anseio tremendamente forte. O género de anseio que causaria uma grande agitação nas correntes do mundo.

— Sebastian? — sussurrou, e sentiu novamente o anseio do coração a passar por ela.

Muito bem. O anseio do coração tinha vindo dele. Talvez fosse essa a razão pela pressa em visitar outra paisagem.

Apesar do que vira no beco — e das suspeitas que tinha sobre a forma como *aquela* paisagem em particular tinha sido inserida na sua — sentiu-se a ganhar ânimo. Era grande a possibilidade de Luz no desejo do coração de Sebastian. Tivera outras oportunidades para sair do Antro e atravessar para outra paisagem, mas ignorara-as pois, apesar de desejar a mudança, não estava preparado para mudar de vida. Quem sabe se dessa vez seguisse o coração...

O Antro não seria igual se partisse, mas também viera a alterar-se nos últimos anos, por isso talvez estivesse na hora de o homem e a paisagem encetarem caminhos diferentes. Na verdade não era uma altura propícia, mas uma Paisagista não tinha direito de interferir no percurso da vida das pessoas, fosse qual fosse o custo.

Retomou o passo, ansiosa por chegar à cabana. Sebastian não se importaria que descansasse por algumas horas no sofá. Precisava de repousar um pouco. Precisava da paz da solidão para poder meditar.

Porém, ao aproximar-se da cabana sentiu outra agitação nas correntes de poder. Mais fraca, dessa vez, como se fosse o efeito de algo que se iniciara muito longe, ainda que não fosse menos potente.

Outro anseio do coração. E algo mais.

Glorianna levou a mão à nuca, massajando para se libertar da sensação de formigueiro.

Para o bem ou para o mal, um catalisador estava a caminho do Antro — uma pessoa cuja ressonância traria mutação. E essa mutação parecia centrar-se na cabana.

Entrou, na esperança de que Sebastian não tivesse mudado a disposição da mobília desde a última vez que o visitara. Tacteando às escuras, chegou ao sofá sem tropeçar, deixou cair o saco e aconchegou-se a um canto, consciente de que ao deitar-se não iria fazer o esforço de se levantar e procurar algo para comer.

Nada havia a fazer quanto aos anseios do coração nem quanto ao catalisador. Os acontecimentos tinham sido postos em marcha, embora o padrão que possibilitava a junção dos anseios do coração ao catalisador pudesse vir a ser alterado por centenas de possibilidades. Presentemente precisava de meditar sobre o beco e uma paisagem que fora retirada do mundo há muito tempo e que não deveria ter a capacidade de tocar em Efémera. E precisava de pensar numa possibilidade que não queria ter em conta.

Suspirando, Glorianna passou as mãos pelo rosto.

Só havia uma forma de descobrir: depois de repousar viajaria até ao Colégio de Paisagistas para observar o jardim proibido, com o propósito de se certificar de que o Devorador do Mundo continuava restringido por trás de um muro de pedra.



CAPÍTULO QUATRO

— *Hup-la!* Tem sorte por eu ter aparecido — disse William Lavrador.

— Pois — resmoneou Sebastian. — Que sorte.

— Não costumo dar boleia a estranhos tão perto da ponte. Nunca se sabe o que poderá atravessar de outro lugar. Mas vossemecê parece um tipo decente.

O lavrador demorou um minuto a emitir sons diversos dirigidos à parrelha de cavalos que puxava a carroça, que pareciam não produzir qualquer efeito nos animais. O certo é que não tinham acelerado o trote.

Viajar com leveza. Sebastian fechou os olhos e tentou sentir gratidão relativamente à boleia oferecida pelo lavrador. Mesmo que seguisse o caminho de carroças junto à ponte, poderia passar dias a tentar chegar à Cidade dos Magos, a ser retido de uma forma ou de outra, uma e outra vez. A relutância que sentia em aproximar-se dos Magos era discordante da convicção de que era preciso fazê-lo. Já Efêmera respondia ao coração e não à cabeça, pelo que a paisagem teria providenciado obstáculos para o impedir de chegar à cidade, transformando a viagem numa batalha de vontades — a sua contra a de Efêmera. Acabaria por chegar, mas as pessoas que deixara no Antro não podiam esperar.

Por isso, ao acercar-se do local onde o caminho de carroças se juntava à estrada principal, no preciso momento em que passava uma carroça, aceitara a oferta de William Lavrador tal como se apresentara — um sinal de que a viagem decorreria serenamente se não recusasse as oferendas que lhe eram apresentadas.

Ninguém disse que as oferendas como essa não tinham um custo.

Todavia, pensou, olhando com um ar irritado para o lavrador, se tivesse de ouvir os *hup-las* do homem durante todo o caminho até à Cidade dos Magos, o preço daquela oferenda parecia-lhe pouco razoável.

— Vossemecê vai mesmo até à Cidade dos Magos para falar com um Mago? — perguntou William.

— Vou.

— *Hup-la!* Não sei se queria estar na sua pele. Não gostam de tipos

porreiros. Não interessa que sejam os Justiceiros. Têm aquela magia que os torna diferentes. Eu é que não queria estar na cavaqueira com gente daquela.

Sebastian olhou para William de lado. — Alguma vez viu um Mago?

— Vi, pois. De vez em quando andam pelos mercados da cidade, tal como toda a gente. Mas nunca falei com algum e espero nunca ter de falar.

Sebastian deu-se conta de algo — uma alteração na entoação, uma mudança na atitude de William —, levando-o a olhar mais atentamente para o homem.

— Porque faz isso? — perguntou, curioso.

— Faço o quê?

— Porque fala assim? Não é um labrego.

— O que o leva a pensar que não sou? — William parecia indignado.

Sebastian sorriu, embora não fosse um sorriso amigável. — Esforça-se demasiado. Os labregos com quem me cruzei acabam por se atrair, mas tentam falar melhor do que costumam. O William rola as palavras como um... — não conseguiu pensar em algo para comparar que não fosse insultuoso.

— Como um porco no meio do estrume — disse William.

Sebastian inclinou a cabeça. — Muito bem.

Fez uma pausa, para logo acrescentar: — Pode ser lavrador mas não é labrego.

William ficou em silêncio, pela primeira vez desde que parara para dar boleia a Sebastian. Por fim, disse: — Vai assaltar-me?

— Não sou ladrão — retorquiu Sebastian. — Além de mais, assaltá-lo depois de me dar boleia *não seria simpático*, não estaria certo. Observou o lavrador ao lusco-fusco. As roupas que pareciam bastante desgastadas eram uma escolha prática para um homem que iria passar o dia a viajar por estradas enlameadas ou poeirentas — ou podiam até ser as melhores que possuía. Assim que ouvira William falar optara pela segunda opção. E qualquer pessoa com pretensões de roubar, depois de ouvir William por um minuto, conseguiria perceber que nada havia que fosse fácil de roubar e aguentaria a tagarelice durante a viagem ou escapar-se-ia no primeiro cruzamento que lhe proporcionasse uma desculpa.

Fosse como fosse era uma camuflagem contra potenciais predadores, que não alterava o eco da natureza do homem, como um coelho cujo pêlo mudava de pardo para branco para se confundir com a paisagem, quando o Verão dava lugar ao Inverno.

Sebastian olhou por cima do ombro para os cestos de fruta e vegetais empilhados na parte de trás da carroça. — Não há um mercado mais perto

da sua casa? Disse que a cidade está a um dia de viagem.

William acenou afirmativamente com a cabeça. — E hoje foi um longo dia de viagem. Habitualmente chego à cidade muito antes do pôr do Sol. Tudo o que me fez atrasar deve ter sido por algum motivo — encolheu os ombros. — Vendo metade do que semeio no mercado da minha terra. O que resta levo para a cidade.

— Porquê?

— É uma gentileza — William hesitou. — Alguém me disse que o que damos ao mundo o mundo retribui. Acho que deve haver alguma verdade nisso.

Sebastian desviou o olhar. A declinante luz do dia chegava para viajar mas não bastava, assim esperava, para o lavrador ver o seu rosto nitidamente.

Recordou-se de Glorianna e daqueles olhos verdes e vivos a fitá-lo, dizendo as mesmas palavras. *O que dás é-te retribuído, Sebastian. Não é olho por olho — a vida não é assim tão simples —, mas o que dás a ti retorna.*

Sentiu o coração apertado. Tinha saudades dos primos. Em especial de Glorianna. Existia uma ligação entre ambos, algo para lá do que sentia por Nádia ou Lee. Não era... carnal. Nunca fora coisa do género, apesar da natureza de Sebastian. Mas sempre atentara nas palavras ditas por Glorianna e foram elas que o ensinaram a ter em conta as carências dos humanos, tais como as suas quando caçava como incubo. Ouvir as palavras dela pela boca de um desconhecido...

Não importava por que paisagens andava presentemente, não importava o que andasse a fazer como Paisagista proscrita, Glorianna Belladonna não traria a morte horrorosa para uma paisagem. Guardiães e Guias, o mundo continha demasiados dos seus próprios horrores, não era preciso libertar mais.

— É assim — disse William. — Aqui há uns anos, isto andava mal. A quinta tem uma boa terra e eu trabalhava muito, mas nunca conseguia que as coisas resultassem. A safra era fraca e eu não conseguia bons preços nos mercados. Virei-me para a bebida, tornei-me cruel. Empedernido, acho que se pode dizer. Culpava os meus vizinhos, culpava os mercadores, culpava a terra. A todos culpava e tinha pena de mim.

Por isso, um dia carreguei a carroça e vim à Cidade dos Magos. Os mercadores riram-se do lavrador campónio e o preço que ofereciam pelo que eu trazia na carroça... mais valia atirar tudo para o chão do que aceitar o que ofereciam.

Estava quase a anoitecer e eu voltava a casa, uma vez que não tinha dinheiro para passar a noite na cidade. Encontrei uma rapariga que caminhava estrada fora. Ia continuar o meu caminho quando ela ergueu uma mão e perguntou se a podia levar até à ponte mais próxima. Disse que seria

uma gentileza.

William abanou a cabeça. — Não sei o que me levou a parar. Não andava a sentir-me generoso com ninguém. Mas dei-lhe boleia. Perguntou-me sobre os produtos agrícolas que levava na carroça e eu disse tudo o que me ia na cabeça, saiu-me como se estivesse a espremer uma ferida cheia de pus.

Quando me calei, ela disse: “Há pessoas na cidade a quem esta comida faz falta. Os pobres da periferia. As crianças proscritas por uma ou outra razão, que vivem do desespero e não conhecem o doce sabor da esperança. Um coração de pedra só conseguirá colher pedras. O que deres ao mundo, o mundo retribuirá.”

E eu disse: “Quem é que diz isso?” Ela respondeu: “Digo eu.”

“E quem és tu?” E ela disse...

— Belladonna — sussurrou Sebastian.

William anuiu. — Não sabia o significado daquele nome. Não sabia naquela ocasião. Mas, depois de a deixar à beira da ponte mais próxima — por acaso quase no mesmo sítio onde me encontrei consigo — virei a carroça em direcção à cidade. Dirigi-me a uma zona pobre da periferia e vendi os meus produtos por alguns centavos.

Alguns dos catraios mal conseguiram juntar um centavo entre todos para comprarem alguma fruta e uns vegetais.

Sebastian engoliu em seco. Outrora fora uma dessas crianças a correrem livremente pelas ruas, tão matreiras e perigosas como animais. A dada altura, Nádía chegava e levava-o de volta para a casa dela durante algumas semanas ou meses, até Koltak voltar a aparecer para reiniciar o ciclo. As crianças de Aurora, a terra natal de Nádía, sabiam o que Sebastian era e os nomes que lhe chamavam, e as piadinhas, revelavam uma natureza mais maldosa e mais cruel do que qualquer criatura que conhecera no Antro. Contudo, estar na casa de Nádía significava estar com Lee e Glorianna. O amor e a aceitação dos primos não apagavam a crueldade, mas, sem aquele factor atenuante, decerto que se teria tornado no tipo de incubo que era temido — aquele que pensava nos humanos como nada mais do que presas.

— Por isso disse-lhes que lhes dava a comida se em troca fossem bondosos com alguém — prosseguiu William.

Percebendo que o lavrador não continuava, Sebastian incitou-o. — O que aconteceu?

— As coisas mudaram — disse William baixinho. — Não foi tudo de uma vez. Não é assim que acontece. Mas comecei a levar uma carroça de produtos agrícolas todas as semanas, logo que a terra começou a produzir, e vendia-os naquele sector da cidade. E tudo começou a mudar. As crianças que pagavam a comida em troca de boas acções ajudavam os comercian-

tes idosos a varrerem o passeio ou a limpar as lojas. Alguns começaram a aprender a profissão de mercador e como pagamento davam-lhes camas nos quartos das traseiras e comida.

As coisas também mudaram para mim. A terra ficou mais fértil. O que levava para o mercado local passou a ser vendido a melhor preço e comecei a prosperar. Um dia, no mercado, conheci uma bela mulher elegante que não se importava de ser esposa de um lavrador. Agora temos dois filhos, o que é maravilhoso.

Fez uma pausa e pigarreou, como se as emoções e as memórias lhe tivessem embargado a voz por momentos.

— Aquela zona da cidade ainda continua pobre, mas já é diferente. Os arruaceiros já não se sentem bem naquele sítio e não permanecem durante muito tempo. A gente que lá mora já não olha só da porta para dentro e ajuda os vizinhos. E continuo a levar uma carroça de produtos todas as semanas, quando a terra começa a dar.

— Voltou a vê-la? — perguntou Sebastian.

William confirmou. — Há dois anos. Estava eu a vender o que me restava de maçãs quando uma mulher estendeu-me um centavo e sorriu. Nessa altura já sabia quem ela era, o que era e como era *perigosa*. Mas, estou a dizer-lhe, não me importa o que as outras pessoas digam dela. Deu-me a oportunidade de mudar as coisas no dia em que lhe dei boleia e a partir daí correu tudo às mil maravilhas.

Ergueu uma mão e apontou. — Ali é o portão sul da cidade. Viro depois de passarmos por ali. Consegue desvenencilhar-se sozinho?

— Conheço o caminho para o Paço dos Magos — respondeu Sebastian.

O terreno que os cercava não era plano, mas a colina no topo da qual a Cidade dos Magos fora erguida dominava a paisagem rural, como se uma enorme criatura que nadasse sob a superfície tivesse arqueado as costas. Não, lembrava mais um cão gigantesco a esticar as costas e as patas dianteiras num convite à brincadeira, elevando a terra com esse movimento. A inclinação nessa encosta era gradual, facultando bastante apoio para que as pessoas construíssem casas e estradas em espiral, que levavam ao planalto onde o Paço e a Torre dos Magos, altaneira, contemplavam o resto da cidade. A encosta oposta era bastante escarpada, comportando apenas ovelhas e cabras.

Passaram o portão sul, construído na alta muralha de pedra que circundava a colina. William parou os cavalos para que Sebastian descesse.

— Viaje com leveza — disse William.

Sebastian acenou com a cabeça. — Agradeço a gentileza.

Ficou a ver a carroça desaparecer numa curva. Depois tomou a direcção oposta a passos largos, dirigindo-se a um pátio tão antigo quanto a

cidade.

No início o pátio tinha como finalidade a meditação, um lugar para serenar o coração e a mente antes da subida dos Mil Degraus até à Justiça. Presentemente estava rodeado por guardas de olhar inflexível, que mantinham a ordem nos níveis mais baixos da cidade e Sebastian duvidou que alguém conseguisse encontrar alguma serenidade naquele lugar gasto, com árvores moribundas e canteiros de flores estranguladas por ervas daninhas.

Não sabia se alguma vez teriam existido mil degraus aquando da sua criação ou se alguém assim os teria designado por parecer impressionante. Já não eram mil degraus, uma vez que as estradas construídas posteriormente eliminaram alguns, mas não deixava de ser uma subida que representava um teste à força das pernas de um homem e à sua determinação em alcançar o topo.

E ainda era a forma mais rápida de chegar ao planalto onde reinavam os Magos, os Justiceiros.

Ouviu o sino tocar nove vezes ao entrar no pátio. Os guardas que estavam encostados aos edifícios endireitaram-se quando o viram. Ignorando-os, pôs a mochila num ombro e avançou para as traseiras do pátio, como se tivesse todo o direito de ali estar.

E tinha. Qualquer um podia solicitar a ajuda dos Magos. Obviamente que pedir ajuda não era o mesmo que obtê-la.

No momento em que tocou com o pé no primeiro degrau, os guardas perderam o interesse nele. Acreditava-se que fora a magia dos Magos que construíra as escadas e que ainda aí permanecia. Dizia-se que as audiências não passavam de uma formalidade, que os Magos sabiam de tudo o que precisavam acerca do requerente, quando chegava ao último degrau.

Sebastian não acreditava na veracidade dessas afirmações. Ainda assim, enquanto subia tentou manter a mente vazia de tudo, excepto subir de um degrau para o outro. Não queria recordar-se das outras ocasiões em que estivera nessa cidade ou da única vez em que vira o Paço dos Magos.

Porém, sentiu os músculos tensos e o coração a bater muito depressa e o desespero e a raiva amargurada que colorira tantos momentos da sua infância eram um rochedo pesado, preso às costas com correntes forjadas por palavras cruéis.

Já subira aquela escadaria uma vez.

Quantos anos teria? Cinco? Talvez seis? Estava no final da rua onde vivia, quer para fugir à mulher que, então, tomava conta dele quer para ver três raparigas que jogavam com uma bola de cores alegres. Observava-as, deleitando-se com as gargalhadas e a felicidade, ignorando a sua própria natureza ou a razão pela qual as emoções das raparigas faziam-no sentir-se como se bebesse água fria de um só trago depois de ter passado um longo

período de sede.

Uma rapariga não conseguiu apanhar a bola, que rolou directamente para junto de Sebastian. Apanhou-a e no momento em que olhou para elas sentiu que a felicidade se transformava em inquietação. Sabia o que fariam os outros rapazes — ficariam com a bola, uma vez que era um brinquedo raramente visto nessa zona da cidade, ou atirariam-na com força contra uma das raparigas, para a assustar ou fazê-la chorar. Mas Sebastian queria voltar a ouvi-las rir, por isso atirou a bola com cuidado para uma delas. Examinaram-no por instantes e retomaram a brincadeira. Contudo, quando foi a vez da rapariga que não a apanhara anteriormente fez-lhe sinal para avançar e passou-lhe a bola. E o triângulo de raparigas transformou-se num quadrado de quatro crianças a jogarem à bola e a divertirem-se.

Mas a mulher saiu como um furacão do edifício e arrastou-o para dentro da casa acanhada e malcheirosa onde vivia.

Gritou-lhe acerca do demónio que vivia dentro dele e acerca da natureza depravada que fora admoestada para vigiar. E bateu-lhe, com a mão pesada a acertar-lhe no rosto com tal força que o fez cair.

Levantou-se precipitadamente, conseguiu fintá-la... e correu até chegar ao pátio e aos Mil Degraus até à Justiça.

Algumas das outras mulheres que tinham tomado conta dele eram um pouco mais dóceis. Disseram-lhe que o pai era um homem importante, um Mago. Mas as crianças não tinham permissão para viver no Paço dos Magos, por isso ficava com elas. Aceitara e nunca questionara tal explicação.

Correu escadaria acima, com as jovens pernas impelidas pela ira. Não estivera muitas vezes com o pai e as sensações que emanavam do homem deixavam-no receoso, mas agora não importava. O pai era um homem importante. O pai era Mago. E o pai, quando soubesse quão malvada fora a mulher, levá-lo-ia para outro sítio.

Sim, era isso que iria acontecer. Iria viver numa casinha simpática com uma mulher bondosa, que não estivesse sempre a gritar-lhe ou a dizer coisas desagradáveis acerca dele ou a bater-lhe. E, quem sabe, talvez aí pudesse brincar com as outras crianças. Crianças que gostassem dele, que não lhe chamassem nomes.

A carência por uma mulher daquele tipo e por crianças daquela índole cresceu no seu interior, aniquilando a raiva. Sentiu a esperança a invadi-lo ao precipitar-se pelas escadas acima.

Ao chegar, por fim, ao topo da escadaria, começando a correr pelo caminho que levava à estrada e às enormes paredes de pedra mais à frente, uma videira de dúvida enroscou-se na esperança, tentando asfixiá-la.

Como iria entrar e dar com o pai? E se fosse ao Salão dos Requerentes, pedisse para ver Koltak mas os outros Magos o mandassem embora?

Tinha de entrar!

Foi então que a sorte, ou o destino, ou a natureza de Efémera, lhe proporcionou a oportunidade. Viu um homem sair do portão de ferro forjado junto ao Salão dos Requerentes, dando-lhe um empurrão negligente, mas o portão deteve-se a um palmo de se fechar.

Atravessou a rua a correr e puxou o portão o suficiente para caber. Um mundo diferente, com tantas árvores e plantas como nunca tinha visto. Vagueou pelos caminhos, esquecendo momentaneamente o pai. Ali estava tudo tão limpo... Não cheirava a lixo ou a cadáveres putrefactos.

Ouvindo uma gargalhada, virou-se e o que descobriu alterou-lhe a vida para sempre.

Rapazes, pouco mais velhos do que ele, a correrem noutra direcção em direcção aos outros edifícios, na extremidade oposta do jardim interior. Rapazes. Que viviam no Paço dos Magos!...

Podia viver ali, naquele lugar asseado, se esse fosse o desejo do pai.

Saiu do caminho e sentou-se junto a um arbusto, encolhendo-se ao máximo para que não reparassem nele. Chorou em silêncio, ao mesmo tempo que as palavras cruéis que ouvira ao longo dos anos se cravaram no seu âmago.

Ouvindo passos no caminho encolheu-se ainda mais. No entanto, os passos pararam de repente, a pessoa saiu do caminho, contornou o arbusto e Sebastian viu uma mulher de cabelo preto e olhos escuros e irados. Retraiu-se perante a raiva que emanava dela, mas quando se acorou a sua voz era gentil.

— Quem te bateu? — perguntou.

— A mulher — disse Sebastian, entre dentes.

— A tua mãe?

Abanou a cabeça. — A mulher com quem vivo. Ela... fica comigo.

— És órfão?

Abanou uma vez mais a cabeça. — Não conheço a minha mãe. O meu pai... não me quer pois sou um bastardo de um incubo.

Não estava certo do significado daquela expressão, mas sabia agora que era essa a razão pela qual nunca viveria num lugar asseado rodeado de pessoas bondosas.

— Como te chamas?

— Sebastian.

— Chamo-me Nádia.

Hesitou, estudando o rosto do rapaz, fitando os olhos verdes. — És filho de Koltak?

Acenou com a cabeça, confirmando.

— Ora, muito bem. Assim sendo, parece que sou tua tia.

Levantou-se e estendeu a mão. — Queres vir viver comigo, Sebastian?

A raiva dentro daquela mulher tinha-se desvanecido em tristeza, mas a ternura e a bondade subjacentes à tristeza, vindas do fundo do ser, deslumbraram o jovem coração de Sebastian.

Erguendo-se, aceitou a mão estendida e os dois afastaram-se do Paços dos Magos.

Oportunidades e escolhas. Era dessa forma que a tia Nádia explicava o modo de funcionamento das correntes de poder. Sempre que uma pessoa fazia um desejo vindo do coração, esse desejo ressoava nas correntes e iriam desenrolar-se situações de modo a proporcionarem-lhe a oportunidade de concretizar esse desejo. Como um portão que fica entreaberto. Como uma mulher, preocupada e zangada pela ausência do marido, a percorrer um caminho à pressa, detendo-se subitamente no preciso lugar onde estava escondido um rapazinho com os mesmos olhos verdes dos seus filhos. Como uma mão oferecida — e aceite.

Sebastian abanou a cabeça enquanto subia.

Viaja com leveza. Desvia o pensamento do passado. Lembra-te de quando estás no pátio do Philo, numa noite de Estio, a beber vinho e a ver o movimento das pessoas que procuram saborear o lado das trevas. Lembra-te dos momentos na cozinha de Nádia, um lugar acolhedor e luminoso mesmo nos dias mais sombrios. Pensa nas aves de Nádia, aquelas brincalhonas que tanto chilreiam. Viaja com leveza ou este lugar irá engolir-te inteiro.

As pernas ardiavam quando pisou o último degrau. O coração também estava em brasa, mas não se devia ao esforço.

Abria-se um caminho calcetado entre as muralhas que protegiam as casas dos abastados, que agora partilhavam o planalto com os Magos, desembocando na estrada. Do outro lado dessa estrada encontrava-se o Salão dos Requerentes — a única entrada reservada ao povo para entrar na zona da colina que os Magos consideravam como sendo de seu exclusivo domínio.

Ao atravessar a estrada olhou para a estrutura que dominava o lado direito da propriedade dos Magos.

A torre era a estrutura mais antiga da cidade e, ainda no tempo presente, séculos após a construção, os Magos mantinham a sentinela, continuavam a vigília.

Com que propósito? O que teriam temido outrora que os levara a construir na maior elevação dessa paisagem? O que temiam ainda para continuarem a manter a sentinela?

Abanou a cabeça e afastou tais pensamentos. Os Magos diziam nada

temer. Sebastian sabia que não era verdade — pelo menos, soube-o nos últimos quinze anos. E era essa a única razão que o levava a arriscar-se a entrar na cidade.

O Salão dos Requerentes estava ligado à muralha que cercava os domínios privados dos Magos, separados dos edifícios que constituíam o Paço dos Magos pelo extenso pátio e jardim por onde vagueara há tantos anos. Ainda mantinha o aspecto desanuviado e amigável, com todas as árvores e plantas, caso não se pensasse no facto de que a saída de regresso à cidade era feita pelo único portão ao lado do Salão dos Requerentes.

Abriu a porta do Salão dos Requerentes e entrou numa sala comprida. Chão de pedra, paredes de pedra e bancos de madeira simples que seriam, certamente, desconfortáveis se a espera fosse prolongada. A sala estava iluminada por candeeiros a óleo suspensos do tecto, que tinham de estar constantemente acesos devido à inexistência de janelas que permitissem a entrada de luz. O lugar era gélido e despido, tal como a pedra da qual era construído.

Deixou a porta aberta, mais como forma de poder fugir do que por indelicadeza, e avançou a passos largos até à secretária ao fundo da sala.

Ali via-se alguma ostentação. A grande secretária de madeira brilhava sob a luz do candeeiro. No chão, um tapete espesso evitava que a fria humidade da pedra passasse para os pés de quem estivesse de serviço.

Nessa noite era a vez de um jovem carrancudo que fechara o livro que estava a ler, aí pousando as mãos entrelaçadas. A insígnia que usava nas vestes indiciava que era um Mago de segundo grau a quem entendesse o significado dos símbolos.

— Preciso de falar com o Mago Koltak — disse-lhe Sebastian.

— Já é tarde — retorquiu o jovem Mago. — O Mago Koltak não está de serviço esta noite para receber requerentes. Sente-se e vou ver quem. . .

— Ainda assim, Koltak aceitará receber-me.

O Mago parecia indignado. — E quem é o senhor?

— Sebastian. Do Antro de Devassidão.

O olhar carrancudo deu lugar a uma repulsa fascinada. Com que então ele ouvira as histórias que tinham sido segredadas na ala estudantil — e quem sabe talvez ainda fossem. Uma lição para os vivaços e tolos.

O Mago pegou num pedaço de pergaminho da pilha ao canto da secretária. Agarrando na pena e mergulhando-a no frasco de tinta, não reparou que a deixara pingar na madeira reluzente da secretária. Gatafunhos apressados. A tinta mal teve tempo de secar e o Mago já estava a dobrar o pergaminho e a gritar: — Rapaz!

Um rapaz que passava pelas brasas num banco perto da secretária respondeu atabalhoadamente ao chamamento. O pergaminho dobrado foi

entregue e o rapaz saiu à pressa pela porta nas traseiras da sala.

Tens a pena a pingar. Uma frase simples que continha uma profusão de significados, se dita por um íncubo. Era tentador verificar se esse jovem Mago acharia o apelo de um íncubo mais sedutor do que o de uma súcuba, mas a verdade é que já tinha bastantes inimigos entre os Magos.

Por isso limitou-se a olhar para o Mago indolentemente, sugerindo que a razão do seu ar desganhado não tinha a ver com a viagem que ali o trouxera.

Decorridos alguns minutos, o rapaz regressou a correr à sala e entregou um pedaço de pergaminho dobrado ao Mago. O homem pareceu surpreendido ao ler a ordem, mas disse: — O rapaz indica-lhe o caminho.

Com uma saudação insolente dirigida ao Mago, Sebastian seguiu o rapaz pela porta das traseiras e atravessaram o pátio. Ao invés de entrar pela porta do edifício principal, o rapaz virou para a direita e conduziu-o até outra porta.

Sentiu os pelos da nuca a levantarem-se ao reparar que as janelas de cada lado da porta reluziam de modo estranho nas zonas onde a luz, vinda dos candeeiros do pátio, tocava no vidro. As portadas de madeira estavam abertas para o lado de fora das janelas.

O rapaz abriu a porta e entrou no espaço escuro.

Sebastian ouviu o tilintar de vidro no metal, seguido pelo raspar de um fósforo. Mantendo-se à entrada, ficou a ver o rapaz a acender a vela e a voltar a colocar o globo sobre o castiçal metálico.

Quando o rapaz se virou para sair, Sebastian entrou na divisão para o deixar passar. No entanto, quando o rapaz alcançou a maçaneta para fechar a porta, uma espécie de instinto fez com que Sebastian pusesse a mão na madeira e rosnasse: — Deixa-a aberta.

O rapaz desapareceu num ápice no escuro da noite.

Sem saber o motivo para tal reacção, Sebastian olhou para a porta e sentiu um arrepio pelas costas abaixo.

Não havia maçaneta do lado de dentro. Quem se encontrasse do lado de dentro, não teria maneira de abrir a porta.

Deixando cair a mochila do ombro, pousou-a encostada à porta e aproximou-se de uma das janelas, atento a qualquer som proveniente do pátio.

Vidro espesso que entrava na pedra. Uma malha de arames embutida no vidro. Ainda que fosse possível partir o vidro, não conseguiria fugir pela janela.

Virando-se, Sebastian examinou o quarto. Uma mesa, duas cadeiras e o castiçal com o globo de vidro. Não se via outra maneira de sair da divisão, embora fosse de se esperar que existisse uma porta oculta ou outro tipo de

abertura.

O que significava que, uma vez que a porta se fechasse, a única forma de sair da sala era se alguém abrisse a porta do lado de fora.

Tinha as mãos trémulas ao regressar à porta, para pegar na mochila. Depois de voltar a colocá-la ao ombro mudou de posição, de modo a não ficar de costas para o pátio. Pelo menos poderia beneficiar de um aviso prévio, se alguém tentasse correr e empurrá-lo para dentro daquela divisão.

O barulho de botas na pedra. Sebastian esquadrinhou o pátio. Aquele sítio parecia tão amplo, mas a luz do candeeiro brincava com o ambiente de uma forma que criava zonas completamente obscuras, capazes de esconder qualquer coisa.

— O que te traz aqui? — perguntou uma voz rouca vinda de trás.

Sebastian girou subitamente a cabeça para olhar para a divisão e sentiu uma pontada no músculo do pescoço, em sinal de protesto. Praguejou em silêncio ao dar-se conta de que fora iludido por um passe de magia. Ninguém estava no pátio, mas aquela distração mágica permitira que Koltak se esgueirasse para a sala sem revelar a localização da porta oculta.

— Ouviste dizer que, finalmente, estão a considerar-me para um lugar na Assembleia de Magos e decidiste lembrar a todos porque tenho sido preterido todos estes anos? — Koltak manteve a voz baixa, embora o tom rancoroso não tivesse sofrido a mínima atenuação.

Quero lá saber de ti ou das tuas ambições. — Vim aqui relatar um incidente aos Justiceiros — disse Sebastian, mantendo a voz igualmente baixa. — Pedi para te ver pois achei que assim preferisses, em vez de falar com outro Mago.

— Os Justiceiros não têm qualquer interesse no Antro de Devassidão ou no que lá se passa — disse Koltak.

— Nem quando um humano é assassinado?

Koltak hesitou antes de fazer um gesto brusco e irado com a mão. — Entra lá, então. Podes julgar que não tem importância divulgares os teus assuntos, mas aqui é diferente.

— Fico onde estou.

Manchas de cor inflamaram as bochechas de Koltak. — O que achas que irei fazer? Trancar-te nesta sala e negar que estiveste aqui?

— Se te safasses era o que farias sem pensar duas vezes — retorquiu Sebastian.

— Como se alguém se importasse com o teu desaparecimento..

— Há uma pessoa que se importaria.

O nome tácito — e a ameaça — pairou entre ambos.

Belladonna.

— Julgamos que a mulher que foi assassinada provém de uma família

abastada. Usava sempre uma larga pulseira de ouro.

— Todas as mulheres de homens prósperos usam pulseiras de ouro — resmungou Koltak. — Como era ela?

— Sei lá! O que restou do seu rosto não chega para descrevê-la.

Koltak empalideceu, mas Sebastian não conseguiu perceber se tal se devia ao que dissera ou por ter subido o tom de voz.

— Ouve, Koltak. Entrou alguma coisa no Antro que é feroz e bárbaro. Matou uma súcuba há uns dias. Agora matou uma fêmea humana.

— Quem sabe se não irá dizimar o Antro e impedir que os demónios atraiam para lá humanos decentes, para que se envolvam em situações que lhes arruinarão a vida?

— No Antro não vivem só demónios. E eu sou meio-humano, lembra-te?

Os lábios de Koltak contraíram-se num rosnado enfurecido. — Nada tens de humano!

Sebastian desviou o olhar. Afinal, ao que parecia, as feridas do coração ainda não tinham cicatrizado plenamente. Forçou-se a olhar nos olhos de Koltak. — Tens razão. Como podia existir algum vestígio de humanidade em mim tendo uma súcuba como mãe e tu como pai?

— *Sai daqui!*

Sebastian retrocedeu um passo, ficando na soleira da porta. — Anda alguma coisa lá fora, Koltak. O Antro poderá não ser o único terreno de caça. Fiz o que me competia. Dei conta da situação aos Justiceiros. Se nada fizeres, por ter sido eu a vir aqui, o sangue da próxima pessoa que morrer manchará as tuas mãos, não as minhas.

Saiu da sala, relutante em virar costas ao homem cuja semente ajudara a criá-lo — o homem que o odiava por existir.

Quando a porta se fechou, deixando-o fora do raio de visão de Koltak, girou sobre si próprio e atravessou o pátio rapidamente, mas sem correr. Tinha de sair daquela colina, tinha de sair da cidade. Ali, eram os Magos que reinavam, era deles que os guardas recebiam ordens. Podia ser detido, enclausurado.

Pareceu ter levado uma eternidade a chegar ao portão de ferro forjado ao lado do Salão dos Requerentes. Quando o portão resistiu às tentativas de o abrir sentiu um aperto no peito até ficar ofegante.

Encurrulado. Estaria Koltak a observá-lo, a exercer a sua vontade e magia de Mago para manter o portão fechado até...? Até surgirem guardas que julgassem que um homem que não conseguia sair do pátio devia ser perigoso, devendo ser levado para interrogatório. Ou, pior ainda, Koltak surgiria e diria aos guardas para o levarem de volta àquela sala para ser questionado. Trancariam as portadas, fechariam a porta e mais ninguém

além de Koltak saberia que estava ali fechado. Oh, os guardas teriam conhecimento mas não se importariam com o que acontecia a um íncubo que se atrevera a entrar na cidade.

Detenham-no. Prendam-no. Matem-no.

Tinha de sair dali!

Viaja com leveza, viaja com leveza, viaja com leveza.

Sebastian recuou um passo e fechou os olhos.

Um portão simples concebido para abrir unicamente do lado de dentro do pátio. Um ferrolho simples, ligeiramente enferrujado. Bastava. Um portão simples que abrisse sem dificuldade quando lhe tocasse. E sairia desse pátio, dessa cidade... e regressaria a casa.

Sebastian abriu os olhos e estendeu a mão para o portão. Um puxão suave. Um estalido quando o ferrolho deslizou.

O portão abriu-se.

Com o coração aos saltos, passou o portão e dirigiu-se aos Mil Degraus, caminhando devagar, como se estivesse a passear na rua principal do Antro.

Ao chegar ao caminho de pedra, que levava aos degraus, olhou de relance para trás e viu guardas a correrem para o Salão dos Requerentes.

Não têm interesse em mim, nem eu neles, além da simples curiosidade, pensou Sebastian. Acelerou o passo, apesar do esforço por parecer indiferente ao facto de os guardas repararem nele. *Os assuntos que tinha a tratar na cidade estão despachados. Vou para casa desfrutar uma refeição e um serão agradável na companhia de amigos. Vou para casa. Para o Antro.*

Não se ouviu qualquer alarido e ao chegar à escadaria tremia de alívio. Fez uma pausa no topo da escadaria para se recompor tanto quanto seria possível, uma vez que ainda se encontrava dentro das muralhas da cidade. De que serviria escapar-se do Paço dos Magos se agora caísse pelas escadas abaixo e acabasse com alguns ossos partidos que o deixariam indefeso?

Inspirou fundo e deixou o ar sair devagar. Pôs o pé no primeiro degrau, iniciando a descida que o levaria a casa.

Koltak observou os guardas atarantados em volta do portão do pátio. Não valia a pena voltar a entranhar sorrateiramente uma sugestão sob os pensamentos superficiais. Já nada restava de palpável com que se ocupassem, de modo a confirmar o “instinto” ou a “intuição” que os impelira a verificar o portão ao lado do Salão dos Requerentes. Ainda que lhes desse outro toque, Sebastian já tinha um avanço considerável e possuía a capacidade de eludir os guardas pelo tempo que precisava para sair da cidade.

Regressando à sala fechou a porta e apagou a vela com os dedos. Dirigiu-se à parede do fundo e, fruto da experiência decorrente dos anos de

vivência no Paço dos Magos, tocou no trinco escondido da porta secreta.

Assim que se abriu, Koltak passou rapidamente e verificou se a porta estava bem fechada antes de se apressar pelos corredores, que eram usados maioritariamente por serviçais.

Ao chegar aos seus aposentos sem se lhe deparar alguém que pudesse questionar o motivo pelo qual estava a vir dos lados do Salão dos Requerentes — e das salas de detenção — agradeceu em silêncio ao Guia que estava a olhar por ele.

Mas a verdade é que os outros Magos não conjecturariam por muito tempo. Pela manhã, já *todos* saberiam quem pedira para falar com Koltak. Seria diferente se tivesse conseguido cercar o problema, mas...

Koltak olhou pela janela da sala de estar. Não estava voltada naquela direcção, mas ficou a olhar, como se isso bastasse para localizar Sebastian antes de conseguir deixar a cidade. Novamente.

Durante trinta anos sofrera a punição devido a essa indiscrição, a esse anseio de fragilidade pelo tipo de satisfação sexual que tornava as mulheres humanas pouco melhores do que um contentor para a semente de um homem. Eram muitos os Magos que se satisfaziam com súcubas. *Muitos*. Contudo, as ligações que mantinham não ameaçaram a queda da estrutura de poder que dava aos Magos um lugar no mundo, que fazia com que fossem os Justiceiros.

Como podia existir algum vestígio de humanidade em mim tendo uma súcuba como mãe e tu como pai?

Não passavam de palavras ditas com raiva.

Sebastian não conhecia a verdade. *Não podia* saber o significado da sua existência.

Os segredos tão bem guardados no Paço dos Magos eram ostentados diariamente devido ao nascimento daquela cria. Oh, a maioria dos cidadãos não tinha noção do significado do fruto do acasalamento entre um Mago e uma súcuba, mas os Magos sabiam que os rotulava pelo que eram.

Algo que não era exactamente humano. Seres cuja capacidade de influenciar mentes provinha das mesmas raízes do poder sedutor que os incubos e as súcubas desfraldavam para atraírem as presas.

Pagámos pelos nossos segredos. Pagamos todos os dias mantendo a ordem, defendendo a justiça. Pagámos.

Porém, nesta noite, o que mais temia fora exposto, por fim.

Sebastian não era somente incubo; detinha também alguma parte do tipo de poder dos Magos. De outra forma não teria conseguido abrir o portão e ignorar a persuasão mental vinda de Koltak, de modo tão rápido que não deu tempo para que os guardas chegassem.

Se os restantes Magos se apercebessem de que Sebastian controlava

uma magia idêntica à dos Justiceiros, tudo o que Koltak fizera nos últimos trinta anos para se redimir do equívoco libidinoso, provando que era digno da autoridade pela qual sempre ansiara, teria sido em vão. Por isso, só havia uma solução.

De alguma forma, algum dia, Sebastian teria de ser eliminado de uma vez por todas.

Sebastian encontrava-se à distância a que se podia atirar uma pedra para lá do portão sul da cidade, quando ouviu o sino a bater doze badaladas. Meia-noite. Os portões da cidade eram fechados à meia-noite, não permitindo a entrada nem a saída até ao nascer do dia.

Sentiu um arrepio de alívio. Virando-se para leste, partiu pelo descampado. Não faria diferença se Koltak ordenasse aos guardas que o perseguissem a cavalo ou a pé, mas o facto de se afastar da estrada fazia-o sentir-se como se tivesse mais hipóteses de escapar dessa paisagem antes que o pai — deu uma gargalhada não muito alta e amarga — encontrasse uma forma de o obrigar a ficar ali.

Além disso, se regressasse pela estrada não havia outra ponte mais próxima do que aquela pela qual atravessara para chegar àquela espinha na garganta do mundo. Por ali, de certeza que existiriam outras pontes. Podiam não o levar de volta ao Antro, mas pelo menos iriam afastá-lo dali e isso era o que mais importava nesse momento. No entanto...

Caso se demorasse a regressar a casa, quem mais poderia morrer durante a sua ausência?

Tinha de regressar ao Antro!

Já estava a uma distância considerável da cidade quando a Lua ficou encoberta por um véu de nuvens. Ficou imóvel, incapaz de mexer os pés. De repente a terra parecia mais mole e esquisita, como se estivesse pejada de armadilhas ocultas. O que era um disparate. Passara os últimos quinze anos numa paisagem onde o Sol não se erguia. Estava habituado a viajar à noite.

Mas isso era diferente. Conhecia os perigos que habitavam a paisagem obscura a que chamava lar, bem como os que a circundavam. Ali... Ali havia algo *errado*.

Sentiu um calafrio. A pele estava a ficar pegajosa, como se tivesse tocado nalguma coisa que lhe tivesse entranhado uma espécie de enfermidade no corpo.

Tentando livrar-se dessa sensação, escutou para se tentar aperceber de qualquer movimento ou som que pudesse confirmar a perniciosidade. Só ouviu o rumorejo da água. Forçou-se a avançar e, seguindo o som, deu com o ribeiro. Era tão estreito que podia-se descer pela margem e saltar por

cima do curso de água para o outro lado, mas ainda assim havia duas tábuas toscas que ligavam uma margem à outra. Dado que as tábuas não pareciam robustas nem largas para que uma carroça passasse, só havia uma razão para estarem naquele local.

Um Construtor de Pontes colocara ali aquelas duas tábuas a ligar as margens do ribeiro, usando a magia específica que criava a ligação entre paisagens.

Sebastian examinou as tábuas. Devia ser uma ponte ressonante. Eram as descobertas com mais frequência em lugares que eram encontrados mais pelo acaso do que por algum desígnio. O que significava que podia ir dar a qualquer sítio no momento em que atravessasse para o outro lado da ponte.

Atravessa lá, pensava Sebastian, enfiando os dois braços nas alças da mochila e ajeitando-a numa posição confortável. Pode ir dar a algum lugar que não pertença ao teu coração. Não é isso que ensinam às crianças? Que uma pessoa está onde merece estar? Não era isso que Koltak não se cansava de repetir quando te arrastava de regresso à cidade imensamente amaldiçoada? Já Nádía dizia sempre que a vida era um percurso e que as paisagens reflectiam esse percurso. Que, mesmo durante os acontecimentos mais terríveis, o percurso acabaria por conduzir a pessoa até onde o coração precisava de estar.

Olhou para trás, em direcção à Cidade dos Magos. Não merecera estar enclausurado dentro daquelas muralhas simplesmente por ter nascido e pelo facto de a súcuba que o tinha dado à luz o ter confiado ao pai em vez de o deixar morrer algures. Não precisara da crueldade e do sofrimento que constituíra a infância que vivera.

Contudo, se não tivesse vivido todas aquelas situações, teria chegado a conhecer Nádía, ou Lee, ou Glorianna? Teria ido parar ao Antro, ao lugar aonde pertencia?

Sebastian abanou a cabeça. Pensamentos inúteis. Não passavam de um exercício de autocomplacência.

Nesse momento, a sensação de enfermidade voltou a percorrer-lhe o corpo. A lembrança da areia sob os pés em vez do chão firme do beco provocou-lhe calafrios. E a cada segundo que passava crescia a convicção de que, se não atravessasse aquela ponte *de imediato*, poderia nunca mais voltar a ver uma paisagem familiar.

— Guardiães da Luz e Guias do Coração, ouvi-me — sussurrou ao pousar o pé nas tábuas. — Tenho de voltar ao Antro. Preciso de voltar ao Antro.

Passou a ponte num ápice.

Noite. Descampado. Nada de muito diferente que lhe indicasse onde se encontrava ou sequer que tinha atravessado para outra paisagem.

Afasta-te da ponte.

O seu corpo já se movia e ainda não tinha decidido qual a direcção a tomar. Talvez por existir uma única direcção evidente — *para longe*.

■

Com uma configuração achatada e ondulada, o Ente fluía sob a superfície da terra com a facilidade com que o fazia pela água, deslocando-se celereamente em direcção ao outeiro. O Ente localizara os Obscuros — aqueles que revelaram as trevas dos corações da Humanidade, forçando o mundo a dar corpo ao Ente.

Subitamente abrandou, fez meia volta e começou a mover-se para aquela faixa de água demasiado insignificante para conter qualquer das criaturas que o Ente controlava.

Por um segundo, ao passar pela água, tocara em qualquer coisa... familiar.

Agora já nada restava. Ainda assim...

O Ente remodelou uma parte do seu corpo. Com um tentáculo penetrou no solo, surgindo como uma erva daninha pernicioso e invulgar. Com a ponta explorou e sentiu as tábuas que ainda ecoavam o coração de quem acabara de atravessar para um lugar diferente. O tentáculo rompeu ainda mais do solo, alongando-se enquanto a ponta percorria as tábuas.

Sim, reconhecia o eco desse coração. Um dos que se tinham esquivado à tentativa do Ente para alterar o beco, naquele terreno de caça obscuro a que chamavam Antro.

A ponta chegou ao outro lado e pressionou a terra para sentir a ressonância dessa outra paisagem.

Ah! O Ente reconheceu a paisagem. Caçara há pouco tempo nessa paisagem obscura. As criaturas que ali habitavam tinham constituído um festim delicioso, embora não fossem tão saborosas quanto as presas humanas.

Nada se comparava ao sabor das presas humanas.

O poder do Ente deslocou-se pelo tentáculo. Latejou na ponta que pressionava o chão.

O mundo debateu-se, resistindo à ressonância sombria do Ente, o que o deixou surpreendido. Sondou um pouco mais, tentando penetrar nas correntes de Escuridão que se deslocavam por essa paisagem. Depois o Ente afastou-se, desconfiado. Quase receoso.

Uma ressonância poderosa fluía pelas correntes de Escuridão. Algo sobejamente mais poderoso do que tudo o que tivesse encontrado no covil criado, em tempos, pelos inimigos que tinham enclausurado o Ente.

Relutante em ceder completamente, o Ente voltou a tentar, pousando

de novo o tentáculo no chão, junto às tábuas de madeira.

Somente um pouco de trevas, seduziu o Ente. Uma mutação que não será notada numa paisagem sombria. Algo que irá proteger este lugar dos corações perigosos.

Efémera hesitou. E o mundo entregou um pequeno círculo de terra junto à ponte, um pedaço que era agora maleável à vontade do Ente.

Talvez fosse pelo melhor. Uma pequena âncora seria difícil de detectar pelo coração que fluía nessa paisagem, embora fosse suficiente para dar acesso ao Ente.

Escondendo cautelosamente a satisfação de ter levado Efémera a ceder-lhe um pedaço de si, ainda que ínfimo, o Ente metamorfoseou o chão, de modo a facultar-lhe um ponto de acesso a uma das paisagens que lhe pertenciam.

A ponta do tentáculo retirou-se do solo. O chão à frente elevou-se ligeiramente, revelando um relvado que cobria um entrançado de paus que formavam um alçapão onde cabia um homem adulto. Desse alçapão surgiram duas grandes patas, tacteando o chão em redor da cova.

Satisfeito por ter uma forma de passagem para aquela paisagem, o Ente fez o tentáculo regressar pelas tábuas, dando-lhe uma nova forma para que correspondesse ao resto da configuração actual.

De seguida o Ente virou-se, dirigindo-se ao outeiro e às mentes que ecoavam tão intimamente com a sua. Era tempo de deslizar para aquele lugar de penumbra, entre a vigília e os sonhos. Assim que os Obscuros tivessem conhecimento do seu regresso, o Ente estaria muito mais perto de recuperar aquilo que legitimamente lhe pertencia.

O mundo.

■

Exausto e sedento, Sebastian subiu penosamente outra elevação. Desconhecia ainda o lugar onde se encontrava, nada mais vira além de campo desde que atravessara aquela ponte. Ao menos as árvores pelas quais passara não tinham um ar estranho, mesmo sob o luar, por isso tinha esperanças de ter atravessado para uma paisagem com alguma ligação ao Antro.

Descendo para o lado oposto da inclinação, um cavalo preto arrebitou as orelhas e dirigiu-se vagarosamente a Sebastian, que soube então onde se encontrava.

Era uma bela criatura, mas apesar da aparência não deixava de ser um demónio. O cavalo-de-água confirmou que se encontrava numa paisagem obscura limítrofe do Antro. Infelizmente, também era indiciativo de que ainda tinha um longa caminhada pela frente antes de lá chegar.

Sebastian continuou a andar, ciente de que poderia ser atraído pela magia do demónio tão facilmente como qualquer humano. De súbito o cavalo-de-água precipitou-se, impedindo-lhe a passagem. Tinha as narinas a vibrar, como se pretendesse sentir bem o odor de Sebastian mas receando aproximar-se mais, o que era um comportamento invulgar para esses demónios. Habitualmente tinham intenções de aliciar os humanos para uma cavalgada fatal.

Com movimentos lentos, Sebastian estendeu a mão. O cavalo-de-água esticou o pescoço, ficando com o focinho junto à mão para a farejar. Depois recuou, fez um meneio com a cabeça e dirigiu-se ao local onde cintilava água.

Vendo que Sebastian não o seguia, o cavalo-de-água regressou.

Sebastian abanou a cabeça. — Sei o que és. Não me aproximo da água com alguém da tua espécie.

O cavalo-de-água abanou a cabeça. Bateu com uma pata no chão.

— Não — disse Sebastian.

Um relincho que parecia triste. Quase uma súplica.

Sem saber como agir face ao comportamento do demónio, olhou em direcção à água reluzente e sentiu uma certeza angustiante de que já sabia o que o cavalo-de-água queria que visse.

Dirigiu-se cegamente para a água, sem se aperceber de que tinha pousado a mão no pescoço do cavalo-de-água. Pararam perto dos restos de algo escuro e empolado que jazia na margem do grande lago. Tentou aproximar-se mas não foi capaz. O cavalo-de-água tinha usado a sua magia para manter-lhe a mão no pescoço, evitando que se aproximasse demasiado da beira do lago.

Na verdade, não tinha a mínima vontade de se aproximar. Guardiães e Guias! — aquilo era um lago, provavelmente alimentado por pequenos riachos. Naquela paisagem, os cavalos-de-água eram criaturas temidas. Contudo, além de alguma coisa ter assassinado um cavalo-de-água tinha-lhe arrancado pedaços enormes de carne. Estivera a alimentar-se.

O corpo do cavalo-de-água estremeceu ao afastar-se do lago, levando também Sebastian.

Não havia um único humano que lamentasse a morte de um cavalo-de-água. Afinal, esses demónios afogavam os humanos que fossem tolos ao ponto de os montarem.

Mas a forma como aquele corpo fora esventrado...

Quantos seriam os predadores que tinham conseguido descobrir o caminho para as paisagens obscuras? E de onde provinham?

— Eu... — Sebastian pigarreou. — ... tenho de regressar ao Antro.

Tenho de contar aos outros o que vi aqui.

Tentou afastar-se do cavalo-de-água, mas a mão continuava enredada por magia.

O cavalo-de-água virou a cabeça e observou-o. Libertou-lhe a mão. Porém, quando Sebastian começou a afastar-se o cavalo-de-água bloqueou-lhe a passagem.

— O que queres?

Estava cansado, com fome, frustrado e amedrontado. Oh, sim, estava amedrontado. Não precisava que outro demónio o envolvesse em joguinhos.

O cavalo-de-água fez um trejeito com a cabeça e ergueu uma pata de cada vez.

Quatro patas que não estavam cansadas. Quatro patas que conseguiam correr mais depressa do que as suas.

— Estás a oferecer-te para me levar? — perguntou Sebastian.

O cavalo-de-água acenou com a cabeça.

— Sem manhas? Não vais galopar para águas profundas e afogar-me?

Abanou a cabeça.

— Porquê?

Já sabia a resposta antes de o cavalo-de-água virar a cabeça e olhar para o lago. *Também estão assustados.*

Não estava habituado a montar, pelo que subiu com pouca habilidade e sem a mínima graciosidade. O cavalo-de-água não pareceu importar-se e, ao sentir o formigueiro da magia que lhe prendia as pernas, reconheceu uma vantagem daquelas montadas em particular: a menos que o cavalo-de-água quisesse libertar a presa, era *impossível* cair.

Seguiram a todo o galope pela terra e chapinharam por cursos de água até que Sebastian viu uma anta. Ao passarem por esse local sentiu a vibração que significava que tinham atravessado uma fronteira e que se encontravam noutra paisagem.

Fronteiras e limites, era como Glorianna lhes chamava. Os limites separavam um tipo de paisagem de outro — ou as paisagens controladas por uma Paisagista das paisagens controladas por outra — e podiam atravessar-se pelo simples acto de passar por uma ponte. As fronteiras marcavam os sítios onde estavam ligadas as paisagens análogas que pertenciam a uma Paisagista, independentemente da distância física que existisse entre as duas.

Assim era Efémera. Um homem podia não conseguir atravessar uma ponte para chegar à povoação vizinha, caso não ressoasse nessa paisagem específica, mas podia atravessar uma fronteira e deambular por uma po-

voação numa parte diferente do mundo. Decorridos alguns minutos galopavam ao lado de um penhasco que Sebastian reconheceu — tal como reconheceu o lago. Sentiu que o cavalo-de-água hesitou, certamente tentado pela combinação de águas profundas e cavaleiro. Mas manteve-se em terra em vez de procurar uma forma de descer pelo penhasco. Pouco depois, o cavalo-de-água abrandou e começou a andar a passo, parando à porta da cabana de Sebastian.

Ainda conseguiam ouvir o lago, numa dança lenta com a areia e as rochas na praia.

O cavalo-de-água bufou e libertou-o.

Sebastian deslizou da garupa, grato pela ajuda e desconfiado da natureza da criatura. — Obrigado — disse, contornando o outro demónio até pousar a mão na maçaneta da porta da frente da cabana.

O cavalo-de-água ficou a observá-lo por alguns instantes, para depois se virar e seguir a trote na direcção de onde tinham vindo.

Tinha intenções de largar a mochila e seguir para o Antro, mas o odor de mulher que pairava no ar fê-lo verificar todas as divisões da cabana.

Encontrou o bilhete de Glorianna junto ao saco de grãos de kafea.

Sebastian,

Preciso de ir a outra paisagem para verificar uma situação. Depois regresso. Precisamos de falar. Tem cuidado.

Sem assinatura. Nunca assinava os bilhetes. Nem sequer com uma inicial. Como a via tão pouco ultimamente, os bilhetes sem assinatura davam-lhe a sensação de que Glorianna era menos... real.

Tendo em conta o que os Magos e as outras Paisagistas pensavam dela, talvez fosse essa a sua intenção.

Mas — luz do dia! — o bilhete significava que estivera por perto. Se tivesse aguardado algumas horas, antes de se precipitar para a Cidade dos Magos, poderia ter falado com ela ao invés de encarar Koltak.

Sentiu um calafrio. Passou com as costas da mão na testa. Estaria doente? Não se sentia nada bem. Talvez não passasse de uma sensação de indisposição nas entranhas, por ter visto novamente a Cidade dos Magos e por se recordar de tudo o que tentara esquecer.

Regressou ao Antro na bicicleta de Philo. Quando desceu junto ao pátio perguntou-se quanto tempo durara a sua ausência. Será que as paisagens com luz do Sol estavam a entrar no final da tarde ou estaria o Sol a nascer?

Uma vez que o Antro não conhecia o nascer nem o pôr do Sol, que importância tinha?

Admite. Ficaste desapontado por não ver a luz do dia. Essa foi uma das razões que te levaram àquela cidade. Ver o mundo sob a luz do Sol. Sentir o Sol no rosto. No entanto, assim não fora. Era algo que não acontecia há muitos anos. Afinal, o íncubo é o tipo de amante que as mulheres apenas desejam conhecer na escuridão.

Sentindo-se transtornado e tentando ignorar o anseio da perseguição que crescia no seu interior — um anseio mais acutilante do que tudo o que sentira nas últimas semanas —, Sebastian levou a bicicleta pela mão até ao telheiro nas traseiras do pátio. O Provocador estava sentado numa mesa próxima. Visto que eram muitas as mesas disponíveis, o outro íncubo devia ter optado por evitar os jogos de sedução que habitualmente aconteciam nas mesas mais próximas da rua.

O que não fazia nada o género do Provocador.

— Por que não andas por aí a pavonear-te? — perguntou Sebastian, enquanto puxava uma cadeira para se sentar.

O Provocador mostrou uma imitação fraca do seu habitual sorriso emproado. — Não estava para aí virado.

Pegou na caneca de cerveja meio vazia e apontou para Sebastian com um dedo.

Decorridos alguns minutos, Philo acercou-se da mesa carregando um tabuleiro abarrotado. Pousou duas canecas de cerveja, uma tigela de queijo fundido e um cesto de Deleites Fálícos.

— Este tem estado a emborcar cerveja há horas — disse Philo entre dentes, sem olhar para qualquer dos íncubos. — Vê lá se o fazes comer alguma coisa antes que fique tão bêbedo que nem consiga dar um apalhão desajeitado.

O Provocador resfolegou. — Como se me interessasse andar na marmelada...

Sebastian pegou na caneca mas ficou parado por um instante. O Provocador não estava interessado? *O Provocador?*

— O que se passa? — Sebastian olhou do Provocador para Philo, voltando ao primeiro. — Aconteceu mais alguma coisa?

Philo limpou as mãos ao avental e manteve os olhos na mesa. — Não lhe contaste?

— Acabou de chegar, não foi? — ripostou o Provocador. — Nem sequer teve tempo para um gole de cerveja e tirar da boca o sabor da Cidade dos Magos.

— O que se passa? — voltou a perguntar Sebastian.

De outra mesa chamaram Philo, que acorreu num ápice.

O Provocador pegou num pãozinho em forma de pénis, rodou-o no queijo fundido e deu uma dentada. Mastigou, engoliu e mergulhou outro

pedaço do pão.

Sebastian tirou um Deleite Fállico do cesto e mergulhou-o no queijo. A primeira dentada trouxe-lhe a lembrança brusca de que nada comera desde que saíra do Antro. Uma vez que o Provocador não parecia ter muita vontade de lhe contar o que sucedera — ou de saber o que se passara na Cidade dos Magos —, dedicou a atenção àquela refeição simples.

Foi então que o Provocador olhou de relance para a frente do pátio e resmoneou: — Podia ter passado bem sem *a* ver.

Glorianna? Sebastian olhou na mesma direcção, com o coração repentinamente aos pulos. Mas desviou o olhar tão depressa quanto o Provocador, na esperança de que a súcuba que fitava os outros clientes estivesse demasiado entretida com os seus joguinhos para reparar neles.

— Não posso dizer que lamentaria se essa tipa desaparecesse — disse o Provocador, partindo um bocado do Deleite Fállico antes de o mergulhar no queijo.

— Não estás a falar a sério — disse Sebastian rispidamente.

O Provocador encolheu-se. — Não, não estou. Só que... bem... *aque-la* tipa. Sabes bem que a cabra vai arrastar-se até aqui para fazer uns comentários trocistas sobre incubos a comerem pilas.

Sebastian bufou de irritação. — É pão e queijo. O Philo não quer saber a nossa opinião sobre a forma que dá aos pãezinhos.

— Diz isso a *ela*.

Prefiro não me aproximar tanto. Visto que habitualmente não competiam pelas mesmas presas, os incubos e as súcubas que habitavam o Antro conviviam cordialmente — e por vezes chegavam a brincar uns com os outros, para passarem uma noite de sexo fantástico. Mas aquela súcuba em particular... Não vivia no Antro, mas era visita frequente e sempre que a encontrava sentia-se... apreensivo. Era mais astuta, obscura e predadora do que os residentes no Antro e havia uma certa crueldade na forma como brincava com a presa, que indiciava claramente aos outros conhecedores do jogo que retirava deliberadamente toda a diversão do sexo e transformava a carência da presa em desespero e vício. E era igualmente maléfica quando tentava aliciar um incubo a entrar no seu joguinho.

Suspiraram de alívio quando a súcuba se afastou do pátio.

Partindo o último pão ao meio, Sebastian raspou o queijo que restava na tigela. Passou um pedaço ao Provocador e comeu o outro. Saciado e, ainda assim, faminto por algo que a comida não podia satisfazer, reclinou-se na cadeira. — Já podes dizer-me o que se passou?

O Provocador pegou na caneca e voltou a pousá-la sem beber. — O beco mudou.

— O que queres dizer com isso?

— Foi alterado — disse o Provocador, com a voz mais aguda devido à inquietação. Fez uma pausa, nitidamente a debater-se com emoções fortes. — Pensámos que talvez fosse melhor retirar os... restos mortais. Não podíamos deixá-los ali, como engodo para outros tipos de predadores, pois não? Mas o corpo desapareceu. No seu lugar crescem agora plantas verdes no meio do beco, no preciso lugar onde o corpo jazia.

O Provocador fitou-o. Sebastian desviou o olhar.

— Belladonna esteve aqui — disse, com relutância.

— Então foi ela...

— *Não!* Não traria um assassino para o Antro. Certamente foi ela que alterou tudo depois de sairmos do beco, mas foi só o que fez. Embora não tenha a mais pequena ideia do que a terá levado a pôr plantas num beco sombrio.

— Para cobrir as pistas que deixou.

Sebastian praguejou. — Quantas vezes tenho de dizer, Provocador? Eu *conheço-a*.

— Conheces a rapariga que foi — respondeu o Provocador. — Conheces verdadeiramente a Paisagista em que se tornou?

Não. Mas não iria admitir. A ninguém. Porque tinha de acreditar que Glorianna não era muito diferente da rapariga que conhecera.

O Provocador hesitou. — Talvez fosse melhor se pernoitasses no prostíbulo em vez de regressares à cabana.

Por pouco não respondeu com brusquidão, dizendo que um incubo não podia dar-se ao luxo de temer a escuridão. Porém, ocorreu-lhe que era o Provocador que estava com medo — medo de ficar sozinho nesse momento e medo de convidar alguém para o seu quarto que lhe proporcionasse mais do que esperava.

— Vou para a cabana — disse Sebastian. — Só tenho uma cama, mas o sofá é muito confortável.

— Estás a pedir-me que fique lá?

Sebastian encolheu os ombros. Não estava disposto a passar por medrucas, mas também não queria insultar o amigo dando a entender que sabia qual deles precisava de veras de companhia. Além disso, Glorianna dissera que iria regressar e queria estar onde ela o pudesse encontrar facilmente.

— Um sofá — resmungou o Provocador. — Claro, também tens café, por isso acho que é um negócio justo. Muito bem, faço-te companhia. Faz as contas com o Philo e eu vou ver se consigo outra boleia de um ciclodemónio.

Sebastian permaneceu à mesa, pois sabia que Philo viria levantar os pratos.

— E então? — disse Philo falando em voz baixa, ainda que as mesas à volta estivessem vazias. — O que se passou na Cidade dos Magos? Con-

seguiste uma audiência?

— Não podemos contar com a ajuda dos Justiceiros. Não querem saber o que acontece no Antro.

Philo suspirou. — Sendo assim, estamos por nossa conta.

Belladonna vai ajudar-nos. Estava certo de que mais ninguém no Antro iria ficar mais descansado com aquele pensamento, por isso disse: — Sim, estamos por nossa conta.

■

O Ente espalhou-se sob o local onde residiam os Obscuros. Na terra acima do Ente os cães uivavam em sinal de aviso, para logo serem mandados silenciar ou sendo ignorados; os bandos e rebanhos de animais remexiam-se, alerta e nervosos, uma vez que as mentes simples estavam cientes da chegada de um caçador. Já as melhores presas ignoravam os instintos, julgando-se poderosas e superiores.

Soltou um milhar de tentáculos mentais, enviando-os para aquele lugar esbatido entre a vigília e os sonhos — o lugar onde eram reveladas as esperanças e os temores dos corações. A mente desperta negava ou encurralava tantos anseios... A mente que sonhava disfarçava os temores com símbolos. Já ali, na semiconsciência, não era possível negar nem ocultar o coração. Ali, no crepúsculo, assentava o verdadeiro festim do qual o Ente se nutria.

Anda estranha. Os meus negócios dependem da riqueza da família dela. Terá descoberto que mantenho uma amante?

Pus as moedas na caixa. Pus mesmo! Mas vão achar que roubei e irão mandar-me para uma paisagem diferente. Talvez até para uma paisagem obscura.

O Ente alimentava os medos e alimentava-se deles, saciando-se como não lhe fora permitido desde o tempo em que perdera a batalha pelo controle do mundo.

Sim, segredava o Ente pelos tentáculos. Tens razão em temer que isso aconteça. Irá acontecer, já aconteceu.

Saciado, retirou os tentáculos mentais. Encontrara os Obscuros. Porém, sentia o regresso de memórias passadas, incentivando-as para que formassem um padrão diferente. Por isso o Ente afastou-se, com a intenção de deixar a povoação, satisfeito por saber onde encontrar os Obscuros mas por eles não saberem como o encontrarem.

Foi então que uma mente, surgindo no crepúsculo de um sono agitado, despertou a atenção do Ente. Seduzido pelas poderosas emoções, o Ente estendeu um tentáculo, infiltrando-se nessa mente.

Sim, sussurrou o Ente avidamente. Sim, tens motivos para ter medo, tens

motivos para odiar. Sim.

Mas a mente estava a despertar muito depressa. Ali detectava força... e poder que podia reconhecer uma intromissão.

Saiu da cidade, assemelhando-se a uma sombra ondulante enquanto se deslocava por baixo da paisagem. A última mente que tocara deixara o Ente intrigado. Tanto medo, tanta raiva, tanta aversão, conquanto o Ente não entendesse a palavra na origem de todas essas aprazíveis sensações.

Sebastian.

■

Sentindo-se estranho, Sebastian deixou cair um cobertor e uma almofada numa das extremidades do sofá.

Era um disparate sentir-se assim. Lee dormira muitas vezes no sofá, sempre que vinha visitá-lo.

Mas Lee era humano. O Provocador não era.

— Precisas de mais alguma coisa? — perguntou.

— Não — respondeu o Provocador, descalçando as botas.

— Dorme bem.

Sebastian dirigiu-se ao quarto. Antes de entrar ouviu o Provocador a dizer baixinho:

— Bons sonhos.

Virou-se para o outro íncubo, que o fitava com um enorme entendimento.

— Emanas uma... sensação... quando te absténs de caçar durante muitos dias a fio — disse o Provocador. — Bem sei que precisas de saciar-te, mas... Tem cuidado, está bem?

Sem saber o que dizer, Sebastian acenou com a cabeça, entrou no quarto e fechou a porta.

Seria evidente para todos? Ou o Provocador, sendo íncubo, conseguia detectar os sinais do desejo insaciável que tomara a intensidade da privação?

Despiu-se, atirando a roupa para cima de uma cadeira, com a intenção de se ocupar dela mais tarde. Foi para a cama, extinguiu o candeeiro a óleo na mesinha-de-cabeceira e puxou o lençol até à cintura.

Na escuridão sentia o bater ritmado do coração ao desfraldar o poder que tornava os íncubos naquilo que eram. Deixou a mente vaguear ao procurar a mente de uma fêmea que ansiasse por um amante onírico. Dessa vez não tentaria criar o cenário. Caberia a ela construir o palco desse interlúdio. E, no crepúsculo dos sonhos quase despertados, Sebastian facultaria um rosto e uma voz ao amante imaginário, assim como a sensação do toque, e criaria

o estímulo que a excitaria até ao orgasmo.

E Sebastian iria alimentar-se desta excitação, desse orgasmo, até que o desejo amainasse. Não a magoaria. O intento das suas caçadas não passava por prejudicar alguém. Já as sensações que provocava na mulher eram tão necessárias ao seu bem-estar como a comida, a água e o ar.

Por favor.

Concentrou-se no pensamento daquela fêmea, que ressoava nalgum elemento dentro de si, e tentou reforçar a ligação entre as mentes.

— *Não queria que se sentisse daquela forma. Não o encorajei a ter desejos... libidinosos... em relação a mim. Não queria!*

— *Chiu* — segredou Sebastian, tranquilizando-a. — *Está tudo bem.*

— *Porque ninguém consegue amar-me?*

— *Eu consigo. E assim o farei.*

— *As Paisagistas irão enviar-me para um sítio horrível. Só quero...*

— *O quê? O que queres?*

— *Quero estar a salvo. Quero ser amada. Quero estar num sítio onde não viva em constante medo.*

Hesitou. Não era uma fêmea que ansiava por prazer. Luz do dia! O que atraía a sua energia em direcção àquela mulher, uma vez que nada iria fazer para mitigar a sua carência?

Por favor.

Sentiu algo cálido e adocicado a fluir pela ligação entre ambos. Algo que vivia no interior da mulher e que ainda não desabrochava. Algo esquivo e tão sedutor que Sebastian ficou sem fôlego.

— *Vem a mim*, instou. — *Vem a mim.*

Eu...

A ligação quebrou-se.

A transpirar e frustrado, Sebastian recolheu o poder.

O que acabara de acontecer? E porquê? Não tinha qualquer noção de quem era ou de onde estava. Nada que o ajudasse a reconstituir os passos para voltar a encontrá-la.

E porque haveria de querer encontrar uma mulher nitidamente perturbada?

Algo cálido e doce no interior da mulher e tão, tão sedutor... Algo que lhe dava a sensação de que acabara de provar um pouco daquilo que procurara — e pelo qual ansiara — ao longo de toda a sua vida.

Sentando-se, passou as mãos pela cara. Estava extremamente cansado mas não iria conseguir adormecer tão depressa.

Vem a mim, pensou, sentindo o coração apertado de carência. *Vem ter comigo. Não sei como te encontrar.*

Salvamos o mundo com pedras e argamassa.

E enclausurámo-nos também.

Não podemos deixar este lugar indefeso. Os Guias das Trevas, aqueles que usaram o lado malévolo do coração humano para criar o Devorador do Mundo, evolaram-se nas paisagens estilhaçadas de Efémere. Não podemos correr o risco de descobrirem este lugar e de libertarem este mal. Não podemos correr o risco de que alguém penetre no muro.

Restam poucos de nós. Viemos de povoações espalhadas por Efémere para combater o Devorador do Mundo, porém, agora que o mundo se tornou uma confusão de pedaços baralhados e estilhaçados, já não conseguimos encontrar os lugares aos quais chamávamos lar. Não há réstia de esperança de podermos regressar às nossas vidas e aos entes queridos que lá deixámos.

Por isso aqui ficaremos a guardar este lugar. Protegeremos as pessoas contendo Efémere da melhor forma que conseguirmos. E alimentaremos a esperança de um dia recuperarmos o nosso mundo, protegendo Efémere do coração humano.

— *Os Arquivos Perdidos*